



Jornal

RUMOS

CRITÉRIOS CRISTÃOS PARA UM VOTO LIMPO

As eleições municipais estão aí. Com elas, a oportunidade para o exercício da cidadania. A história mostra que os homens sempre tiveram dificuldades em relação aos detentores do poder. Quem está no poder não quer sair. Muitos que estão fora querem entrar. As democracias modernas criaram o voto como forma de todos poderem dar sua contribuição para a constituição das instâncias que irão governar o povo. A Doutrina Social da Igreja Católica apresenta critérios muito claros como orientações para a decisão na hora do voto. Eis alguns:

1. A pessoa vem antes do Estado e da sociedade. O Estado e a sociedade são constituídos em função da pessoa, e não o contrário. Têm o papel de promover o bem das pessoas na medida em que elas possuem uma dignidade a ser preservada e promovida. Essa dignidade provém do fato de cada um ser obra do Criador. Cada indivíduo é único, inconfundível e possuidor de direitos intransferíveis. Cabe ao gestor público empregar todas suas energias no respeito e promoção da vida, no serviço desinteressado à coletividade, na aplicação dos recursos públicos para o bem de todos. Candidato ou partido que fez ou prega o contrário não merece o voto.

2. A família é a célula geradora e formadora da sociedade. É lá que o indivíduo nasce, cresce, vive, incorpora princípios de conduta, assimila valores, se solidariza, aprende a servir, a amar, a cooperar, a perdoar, a ser cúmplice e solidário nos pequenos gestos de construção do bem e da comunhão entre as pessoas. Essa foi a proposta do Mestre aos seus e isso é do interesse de toda a sociedade. Candidato ou partido que fez ou prega o contrário não merece o voto.

3. A liberdade de educação. É afirmação da liberdade que os pais possuem de educarem seus filhos na visão que, a seu juízo, mais desenvolve a pessoa humana. Respalda-se no direito de ver seus filhos crescerem dentro da visão de vida e de mundo fundada na riqueza de princípios e valores culturais e de perspectivas de desenvolvimento que façam deles homens de bem, individualmente conscientes e socialmente responsáveis e que promova o verdadeiro pluralismo democrático. Trata-



se da defesa da liberdade para todos. Candidato ou partido que já tenha feito ou proponha o contrário não merece o voto.

4. A liberdade religiosa. A liberdade religiosa é expressão do reconhecimento de todas as outras liberdades. O Estado laico torna-se verdadeiramente democrático quando respeita todas as identidades religiosas. Quando essa liberdade é reconhecida, a pessoa é respeitada como prioridade. É um critério que garante à pessoa a possibilidade de seguir o caminho que considera mais oportuno para realizar seu destino. Grandes pensadores já discutem formas de preencher o vazio de ideais e valores que toma conta de adolescentes e jovens ante a falta de uma discussão em torno do sentido transcendente da existência. A ausência de grandes ideais e valores os deixa vulneráveis a propostas portadoras de destruição e de morte. Candidato ou partido que já usou a boa fé das pessoas para conseguir mandato político não merece o voto.

5. A solidariedade e a subsidiariedade. São critérios que fomentam a cultura da cooperação, na qual as pessoas, as famílias, as associações, o mercado e o Estado ficam atentos às demandas sociais que induzam ao desenvolvimento justo e equilibrado de toda a sociedade. Traduzem-se em criação de oportunidades de trabalho, emprego e

renda. Propostas assistencialistas, sem prazo de validade, embrutecem a consciência e tornam os menos favorecidos subservientes aos governantes. As propostas devem induzir os indivíduos a conquistar sua própria autonomia. O poder público não pode substituir os indivíduos nas suas competências. Candidato que já fez ou propõe isso não merece o voto.

O Brasil que o cristão deseja é feito de cidadãos conscientes que buscam a justiça, a paz e a fraternidade. A eleição é um grande momento de promover a vida. De forma alguma, o cristão pode banalizar o voto. Há quem decide seu voto assim: 'Voto em qualquer um, pois todos são iguais; voto só para cumprir o dever imposto pela lei; voto em candidato por questão de amizade; não voto em ninguém, pois todos são ladrões; não voto por cansaço e desesperança nas boas intenções de quem se envolve com política'. São muitas as justificativas. Votar ou deixar de fazê-lo tem consequências. Muitas frustrações coletivas poderiam ser evitadas se o cristão emitisse um voto limpo, sabendo exatamente o que faz. Por isso é importante acompanhar e conhecer a vida e as propostas do candidato em quem vota.

Antônio Frederico Zancanaro
Autor de: *A Corrupção Político-Administrativa no Brasil*

ÍNDICE

FIM DO CELIBATO
PÁG 03

FRAGMENTO FALA EM
"MULHER DE JESUS"

CASAMENTO DE JESUS
PÁG 04

PADRE CASADO DECIDE
VOLTAR AO MINISTÉRIO
PÁG 05

VATICANO, HERESIA DO
CRISTIANISMO
PÁG 07

CONDENAÇÃO DE
TEÓLOGOS E TEÓLOGAS
PÁG 08

DECADÊNCIA DA IGREJA
CATÓLICA?
PÁG 09

DEMOCRACIA?
PÁG 10

MANTER VIVA
A CAUSA DO PT
PÁG 11

DOM CASALDÁLIGA NO
CINEMA
PÁG 12

FRACASSO DO
NEOCONSERVADORISMO
CATÓLICO BRASILEIRO
PÁG 13

IGREJA TEM SALVAÇÃO?

O PAPA E A UTILIDADE
DO MARXISMO
PÁG 14

IGREJA: A NECESSIDADE
DE UMA "SACUDIDA"
PÁG 15

EDITORIAL

Continuamos a vida e as caminhadas após o maravilhoso XIX Encontro Nacional das Famílias dos Padres Casados, realizado em fins de junho passado, em Fortaleza, capital do Ceará. Foi unânime a avaliação positiva sobre o seu êxito.

A presente edição do Jornal Rumos está saindo às vésperas das eleições para prefeitos e vereadores dos mais de 500 municípios brasileiros. Sua importância é destaque na primeira página do jornal. Procuramos motivar o maior número possível de eleitores a que votem com "a mão na consciência". Sendo nós, evidentemente, o exemplo...

O número de novos assinantes do jornal impresso cresceu significativamente junto aos participantes do XIX Encontro do

MFPC. Mas aguardamos muitos outros, dentre os milhares de pessoas que recebem o jornal eletrônico.

Chamamos a atenção dos 6.000 padres casados do Brasil sobre a elaboração em andamento do novo catálogo nacional de padres leigos - casados ou não -, emigrados do clero diocesano e/ou religioso. Pedimos endereço, e-mail e dados familiares daqueles que ainda não estão cadastrados junto ao organizador do catálogo, João Tavares, cujo e-mail é tavaresj@elo.com.br

Ele informará quem já está cadastrado, e quem ainda não. E receberá os dados destes.

Brevemente estará concluída a burocracia do registro oficial, em Brasília, da Ata do XIX Encontro MFPC e do Estatuto revisto. Em seguida o novo tesoureiro, Enoch Brasil de Matos Neto, de



Fortaleza - CE, poderá divulgar os bancos e contas para remessa dos numerários de assinatura ou renovação do jornal Rumos e da Associação Rumos - AR.

Informamos que, com o falecimento em Brasília de nosso colega João Basílio Schmitt, foram encerradas as atividades de sua editoria SER e de seu jornal Linha de Frente.

No mais, muita saúde, paz e amor a todos e todas!

Giba editor
gilgon@terra.com.br

Carta do Presidente aos leitores

Caríssimos (as),
saúde e paz!

A Coordenação Nacional do Movimento das Famílias dos Padres Casados (MFPC), eleita para o biênio 2012/2014 está aberta a novas sugestões para a elaboração das nossas atividades. Desejamos contar com o olhar solidário e participativo de todos, no que concerne à grande evasão de padres e religiosos do ministério sacerdotal e que precisam de ajuda no âmbito pessoal e profissional.

Precisamos fazer jus aos nossos princípios: Diálogo com a hierarquia, ajuda mútua e participação na comunidade.

A força do nosso Movimento está no coração de cada um. Conclamo a todos a colocar as mãos na massa da caridade e fazer com os anseios vivenciados no XIX Encontro Nacional realizado em Fortaleza tornem-se de fato uma realidade e que realmente tenham relevância social.

Quero lembrar dos muitos apelos emotivos elucidados por nossos coirmãos de vários lugares desse imenso país em nos

desafiar: que tipo de Igreja estamos anunciando? Quais são de fato as nossas preocupações e em que o nosso Movimento difere de tantos outros? Quais são os valores primordiais de que não abrimos mão? O que faremos de consistente para a sociedade ser mais justa e humana até à realização do próximo encontro nacional? São tantos questionamentos que me surgem na mente e por essa razão necessito da atenção e participação ativa de todos.

Bem, amados irmãos, cunhadas, sobrinhos e amigos, temos como meta inicial organizar a nossa casa, e neste sentido queremos finalizar a elaboração do nosso Catálogo Nacional onde iremos ter um mapeamento de quantos somos no Brasil.

E como meta do biênio lanço o desafio de elaborarmos um livro que narre com propriedade toda a nossa história do Movimento dos padres casados no país, pois acreditamos que aquilo que não é registrado termina no esquecimento.

Enfim, tenho esperança que todos nós, homens e



mulheres anunciadores do Evangelho de Jesus, posamos fazer a diferença nas próximas eleições municipais, escolhendo pessoas que tenham de fato comprometimento com o bem comum da população e que não visem os seus interesses pessoais.

Que Deus continue abençoando a todos os membros do nosso Movimento, em especial os que voluntariamente enviam notícias para nosso site, do nosso querido Moura que diariamente nos alimenta com excelentes artigos e a nossa dupla de secretários Carlos e Rosa que incansavelmente estão sempre prontos a nos servir. Obrigado a todos!

José Edson
Presidente Nacional
do MFPC/AR

Livros

Histórias para refletir

Dia 15 de setembro será feito o lançamento do Livro "Histórias para Refletir".

A autora é Raimunda Gil Schaecken, viúva do Pe. Peter Schaecken, de Manaus-AM.

Dia 25 de agosto será o meu ingresso na Academia de LETRAS, CIÊNCIAS E ARTES DO AMAZONAS (ALCEAR) José Comblin



Colegas do MFPC - Movimento das Famílias dos Padres Casados

Aí, meu "pequeno livro"!

Fruto de inspiração divina, experiência de 22 anos de ministério sacerdotal e 33 anos de "missionário" auscultar o Povo de Deus, nos seus anseios e nas suas esperanças.

Com vocês, escreveremos o "Grande Livro".

Aguardo seu retorno via E-mail ou Carta. Abraços, Dourado



PROCURO ENDEREÇO

Procuo o endereço ou telefone de EDUARDO Campos Porque ele pagou a anuidade de sócio da AR (R\$ 150,00) mas não enviou seu endereço. Quem souber favor comunicar-me: Giba (editor do jornal) e-mail gilgon@terra.com.br ou fone 47-99835537 ou 47-33694672.

É hora de assinar ou renovar a assinatura de RUMOS

www.padrecasados.org
Associação Rumos
Movimento Nacional das Famílias dos Padres Casados

O JORNAL RUMOS é uma publicação bimestral da Associação Rumos/Movimento das Famílias dos Padres Casados do Brasil (MFPC). A Associação Rumos é uma sociedade civil de direito privado, de âmbito nacional, com finalidades assistenciais, filantrópicas, culturais e educacionais, sem fins lucrativos.

Diretoria Executiva da Associação Rumos: biênio 2010/2012

Presidente: José Edson da Silva
Vice-Presidente: Maria Lucia de Moura
1.º Secretário: Enoch Brasil de Matos Neto
2.º Secretário: Maria de Fátima Lima Brasil
1.º Tesoureiro: José Colaço Martins Dourado
2.º Tesoureiro: Maria do Socorro Santos Martins

Organismos de Apoio da AR e Conselho Gestor do Movimento de Padres Casados e suas Famílias:
Presidente da AR: José Edson da Silva
Coordenador do Encontro XIX Encontro Nacional do MFPC - o mesmo
Moderador do e-grupo padrecasados
João Correia Tavares
Coordenador do site www.padrecasados.org
Enoch Brasil
Representante internacional
Armindo Holocheski
Coordenador da comissão de teologia
Francisco Salatiel A. Barbosa
Coordenador da Assessoria Jurídica
Francisco Muniz de Medeiros

Obs: - As respectivas esposas estão incluídas nas funções acima.
Diagramação: Rodrigo Maierhofer Macedo

Conselho Fiscal da AR: Joarez Virgolino Aires e Ausilia Moraes Aires (PR), Luis Guerreiro Pinto Cacais e Irene Ortlieb Guerreiro Cacais (DF) e Fernando Spagnolo e Telma Araujo de Oliveira Spagnolo (DF).

JORNAL RUMOS:

Coordenador do Conselho Editorial do Jornal Rumos: Gilberto Luiz Gonzaga

Jornalista Responsável: Mauro Queiroz (MTB 15025)

Correspondência: artigos, comunicações, artigos, sugestões e críticas devem ser dirigidos para o e-mail: gilgon@terra.com.br de Gilberto Luiz Gonzaga, Porto Belo SC, fone 47-33694672

Os textos assinados não representam necessariamente a opinião do jornal e são de inteira responsabilidade de seus autores.

Assinatura anual:

Assinatura anual: R\$ 35,00 (trinta e cinco reais)

Pagamento pelo BANCO ITAÚ AGÊNCIA: 4453 Nº DA CONTA: 07294-6 OU

BANCO DO BRASIL AGÊNCIA 2850-9 CONTA Nº 1025-1

Comunique imediatamente ao nosso tesoureiro José Colaço Martins Dourado por e-mail (trinusuva@ig.com.br), por carta (José Colaço Martins Dourado, Rua Mário Mamede, 1209 - Aptº 602 - Bairro de Fátima CEP: 60415-000 Fortaleza-CE) ou telefone (85-8899-9287)

Associação Rumos:

Anuidade de sócio - R\$ 120,00 (Cento e Vinte Reais) com direito a assinatura do jornal Rumos

Contribuição para um fundo de ajuda mútua - a partir de R\$ 1,00 por mês;

Pague sua anuidade exclusivamente através de depósito bancário no

BANCO ITAÚ AGÊNCIA: 4453 Nº DA CONTA: 07294-6

Remeta cópia do comprovante para José Colaço Martins Dourado por e-mail (trinusuva@ig.com.br), por carta (José Colaço Martins Dourado, Rua Mário Mamede, 1209 - Aptº 602 - Bairro de Fátima CEP: 60415-000 Fortaleza-CE) ou telefone (85-3334-1876)

PÁGINA DOS LEITORES

Li a edição do jornal RUMOS Nº 226. Além do fato de ser muito bem programado, ressalto o belo artigo escrito pelo Pe. Zézinho e me enquadro no pensar deste pássaro musical que canta e encanta os nossos corações e fala tão bem das coisas de Jesus, principalmente de sua MISERICÓRDIA.

Gostei demais da sinceridade e da coragem do BISPO Argentino APAIXONADO. Sem dúvida uma bela abertura de coração. Assim é que deve ser o agir de irmãos nossos que optam por outra vocação.

Uma pena que nossa IGREJA não tenha esta mesma verdade para lidar com este assunto. Parabéns pelo trabalho. Abraços.

Bia - Pelotas
mariabiasf@hotmail.com

Fico-lhe grato pelo envio do Jornal Rumos, e mais uma vez, parabéns, o jornal está muito bem conseguido em todos os artigos. Bem hajam.

Decidi adiar um pouco a assinatura da versão impressa. Mas vou lendo as edições eletrônicas que estão disponíveis no site e as que me enviarem. Muito obrigado.

Campos de Souza
camposdesouza@live.com.pt

Caro amigo Gilberto, sinto-me honrado em receber o "Novo Jornal Rumos". Saúde e Paz junto aos familiares. 73

Giuseppe Martinelli
giumarti@gmail.com

Muito obrigado pela lembrança de remeter-me o jornal Rumos.

Tenho ido à missa todos os domingos; é ótimo praticar a religião, alimentar-nos espiritualmente; viver o terreno com princípios divinos.

Toni
toni@orientoseguros.com.br

Caro amigo Gilberto. Recebi e li com emoção o "Jornal Rumos". Parabéns. Solicito o Nº. da Agência e da c/c para enviar minha contribuição ao Jornal Rumos. Agradecidamente,

Waldemar Colonetti e Maria
waldemarcolonetti@hotmail.com

Parabéns Gilberto, edição muito boa. Abraços,

Daniel Higino
danielhigino@yahoo.com.br

Parabéns pela nova edição do Jornal RUMOS.

Já vi o jornal na tela do computador e está muito bom, com sempre.

Está muito rico de reportagens, notícias atualizadas e fotos bonitas.

Vi de perto o grande trabalho do Sr. Gilberto quando esteve aqui em Manaus, quase não dormiu, até que o jornal ficasse pronto. Obrigada.

Raimunda Gil Schaecken
rgilschaecken@gmail.com

Gracias queridos Hermanos en Cristo por su referencia a un artículo mío sobre la "inválida" prohibición del ministerio sagrado pastoral, al clérigo casado sacramentalmente.

Gracias por el envío de su Jornal que

mantiene y aún dirige a tantos colegas sagrados en Cristo.

Padre Aguirre
padreaguirre@arnet.com.ar

Gostaria de pedir, por favor, que não enviasses mais o jornal Rumos, pelo motivo que o Aristides está com Alzheimer e infelizmente ele não lê mais, e muito menos entende se alguém for ler para ele. Peço desculpas. Muito grata.

Terezinha Pimentel
terezinha.pimentel@globo.com

Gilberto, imagino que você, com Aglêsia, está em Caldas Novas, retemperando-se para assumir por mais três anos a redação de RUMOS... até 2015! Isto me lembra uma palavra atribuída ao velho papa Leão XIII, o qual, ao completar 90 anos, agradeceu a quem lhe desejava que chegasse aos 100, mas acrescentou: Não ponhamos limites à Divina Providência! Quanto ao Jornal, continua ótimo, interessante e instigante como sempre.

Pe. Ney Brasil Pereira
ney.brasil@itesc.org.br

Caro amigo João Tavares, muito obrigado pela remessa do novo número do Jornal Rumos. Ele vai nos lembrar dos preciosos encontros que tivemos em Fortaleza, das excelentes palestras que ouvimos na ocasião e dos belos passeios que foram programados no nosso encontro. Grande trabalho de amigos e colegas que acreditam na amizade que nos une, na força que o movi-

mento pode ter e na luz do Espírito Santo que rege a igreja, que, no fundo, amamos.

Ana Maria já tinha lhe agradecido, mas não queria deixar de dar também uma palavra de minha parte.

Johannes Poelman
anamariasp03@hotmail.com

Prezado Gilberto, quero agradecer a sua dedicação - e de quem colabora com você - por disponibilizar o nosso jornal RUMOS. Às vezes me demoro na sua leitura para aproveitá-lo melhor.

Hoje, porém, quero agradecer especialmente um texto (Desobediência, Caminho Espiritual - Marcelo Barros) publicado no último número (224?) de julho-agosto (?).

Tomo a liberdade, no entanto, de acrescentar uma outra referência: quando Jesus discute com os fariseus sobre a cura em dia de sábado, ele conclui com estas impressionantes palavras: O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado! (Mc 2,27). Considero-as uma verdadeira orientação de vida diante da lei e da autoridade.

Agora, posso lhe fazer um pedido? Frequentemente costumo usar textos do nosso jornal e sinto, às vezes, dificuldade de citar a data ou pelo menos o número em que o texto está publicado (nesse último número o selo tampou, na primeira página, estas referências). Assim se em cada página aparecer pelo menos o número, ficaria mais fácil a identificação.

De resto, só tenho, mais uma vez, que agradecer o seu trabalho. Um abraço

Franklin Moreira Villela
franklin_villela@ig.com.br

AMIGO ROMEIRO CAMPOS

Sua decisão e manifesto são proféticos e cristãos.

Nós duvidamos da vocação daqueles padres que num momento expressaram muita vocação, mas quando encontraram uma companheira a vocação desapareceu.

A verdadeira vocação é o exercício do ministério, assumido com vocação, apesar da perseguição e das dificuldades dos que querem "por freios ao boi que ara" ou ditar normas dogmáticas ao Espírito Santo.

Quando se exgota o diálogo ou se impõe uma norma irracional há que desobedecer aos homens e só obedecer a Deus.

Alegria nos sua decisão e oxalá muitos presbíteros se animem a exercer publicamente sua vocação de serviço a Deus e ao povo santo.

Dcna. FEBE
Igreja de Cencreas (Rm 16,1)
Tradução de Giba

NOVO JEITO DE SER IGREJA

Seguindo o exemplo das primeiras comunidades fundadas pelos apóstolos e primeiros discípulos, somos a favor da ordenação de mulheres; por isso ordenamos diaconisas e presbíteras. Afinal, "Deus criou homem e mulher à sua imagem e semelhança".

Também somos a favor do fim do celibato obrigatório. Não esqueça: a lei que obriga padres e bispos a não se casarem só foi criada no século XIV. Até então, padres e bispos contraíram matrimônio.

Somos católicos: amamos o papa (bispo de Roma); nossos di-

áconos, padres e bispos também possuem sucessão apostólica; temos a mesma fé, os mesmos sacramentos, a mesma liturgia, o mesmo amor à Nossa Senhora, etc. Tudo igual.

O que muda, então? A diferença está no seguinte: porque estamos certos de que a Igreja precisa de um aggiornamento (atualização), pois a sociedade mudou e vai mudar ainda mais nas próximas décadas, resolvemos desobedecer frontalmente à Santa Sé nos seguintes pontos:

a. As mulheres podem e de-

vem receber o sacramento da Ordem nos graus de diaconato e presbíterado;

b. O celibato deve ser opcional, pois assim o foi até o século XIV;

c. Os irmãos e as irmãs de outras denominações cristãs (Batistas, Luteranos, Anglicanos, Ortodoxos, os da Assembleia de Deus, etc) fazem parte da Igreja de Cristo de modo pleno, pois não é a obediência ao papa (e nós o amamos e o respeitamos como bispo de Roma) que nos faz participar plenamente da Igreja- Corpo Místico de Cristo,

mas a obediência a Jesus, o Filho de Deus encarnado;

d. Os casais que vivem em segunda união devem ser acolhidos de modo pleno no ceio da Igreja. Portanto, devem poder participar da Comunhão e receber a bênção nupcial. Afinal, não cabe a nós julgá-los. Esta é tarefa de Deus, o Pai de Misericórdia. A nós cabe apenas, em nome de Deus, perdoar e acolher.

Pe. Francisco Antonio de Vasconcelos
Enviado por e-mail a Gilberto
editor 24/09/2012

"FIM DO CELIBATO É DESEJO DE MUITOS BISPOS"

O prelado disse que muitos bispos desejam que se acabe o celibato.

O arcebispo brasileiro Furtado de Brito Sobrinho, inflamado titular de uma importante diocese da região nordeste, questionou a infalibilidade do Papa e revelou que muitos bispos desejam o fim do celibato sacerdotal porque há padres casados.

"O Papa não é infalível em todos os temas (...). O que a Igreja

diz é que ele é infalível quando fala da fé moral" afirmou o arcebispo de Teresina, capital do estado nordeste de Piauí.

Brasil conta com a maior população católica do mundo e foi visitado em 2007 por Bento XVI, que retornará em 2013 para encabeçar os festejos do Ano Mundial da Juventude, que se realizará no Rio de Janeiro.

Durante sua passagem por São Paulo em 2007 o Pontífice fez uma

defesa enérgica da castidade antes do matrimônio, assim como do celibato, instituição que é motivo de polêmicas entre setores do catolicismo brasileiro, onde há sacerdotes que não a respeitam, segundo se comenta em âmbitos religiosos.

O arcebispo Furtado de Brito Sobrinho disse que "isso (fim do celibato) é um desejo de muitos bispos; no oriente cristão católico há muitos padres casados; isso não é raro, a Igreja sem-

pre teve padres casados".

Com posições próximas à Teologia da Libertação, uma corrente que perdeu peso no Brasil, o arcebispo do estado de Piauí disse ter fé que "o espírito vá soprar na Igreja e o Papa vá tomar uma decisão" que possa permitir aos religiosos ter "alternativas" frente ao celibato sacerdotal.

La Razón /Brasilia /Ansa
23/09/2012
Tradução de Gilberto editor

FRAGMENTO FALA EM "MULHER DE JESUS"

Cientistas acreditam que fragmento faça parte de evangelho desconhecido.

Um papiro é a primeira evidência de que os cristãos já acreditavam que Jesus foi casado, segundo um estudo da Harvard Divinity School. A descoberta foi anunciada em um congresso no Institutum Patristicum Augustinianum (do Vaticano) em Roma.

"A tradição cristã afirma que Jesus não foi casado, apesar de não haver nenhuma evidência histórica confiável para suportar essa afirmação", diz Karen King, de Harvard. "Este novo texto não prova que Jesus foi casado, mas nos conta que a questão como um todo apenas veio de um vociferador debate sobre sexualidade e casamento. Os cristãos discordavam sobre se era melhor ou não casar, mas isso foi um século depois da morte de Jesus, depois eles apelaram para o estado conjugal de Jesus para suportar suas posições."

Roger Bagnall, diretor do Instituto de Estudo do Mundo Antigo, em Nova York, acredita que o fragmento seja autêntico, baseado em exames do papiro e da caligrafia. Outros especialistas também acreditam na autenticidade baseados em outros dados, como linguagem e gramática, segundo nota de Harvard desta terça-fei-

ra. O objeto ainda vai passar por mais testes, especialmente da composição química da tinta.

Um dos lados do fragmento tem oito linhas incompletas de texto, enquanto o outro está muito danificado e apenas três palavras e algumas letras podem ser vistas - inclusive com infravermelho e processamento da imagem em computador. Karen afirma que o pequeno texto fala sobre assuntos como família, disciplina e casamento dos antigos cristãos.

A pesquisadora e a colega AnneMarie Luijendijk, professora de religião em Princeton, acreditam que o fragmento faça parte de um evangelho desconhecido. Um artigo com resultados do estudo do objeto será publicado em janeiro de 2013 no jornal Harvard Theological Review.

O fragmento faz parte de uma coleção particular cujo dono procurou a pesquisadora para que ela traduzisse o texto. Ele deu a Karen uma carta dos anos 80 do professor Gerhard Fecht, da Universidade Livre de Berlim, na qual ele afirmava acreditar que era uma evidência de um possível casamento de Jesus.

A professora de Harvard disse não acreditar em um primeiro momento (em 2010) que fosse autêntico e disse ao dono que não tinha

interesse na análise. Contudo, ele persistiu no contato e, em dezembro de 2011, ela o convidou a levar o objeto a Harvard. Em 2012, ela e Luijendijk levaram o papiro a Bagnall que analisou e disse ser possivelmente autêntico.

Pouco se sabe de sua origem, mas acredita-se ser do Egito, já que está escrito em copta - usado pelos cristãos egípcios durante o império romano. Como há texto dos dois lados, os pesquisadores acreditam que faça parte de um livro, ou códex.

Para motivos de referência, o evangelho do qual supostamente faria parte foi chamado de "Evangelho da Mulher de Jesus". A pesquisadora acredita que ele seja da segunda metade do sécu-

lo 2, já que outros evangelhos descobertos recentemente são dessa época. A origem, como dos outros, certamente está atribuída a alguém próximo a Jesus, mas o verdadeiro autor deve ser desconhecido. Eles acreditam ainda que foi escrito originalmente em grego e depois traduzido.

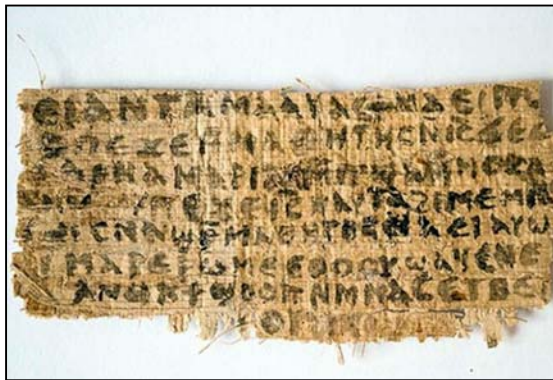
No texto, os cristãos falam de si como uma família, com Deus como pai, seu filho Jesus e membros como irmãos e irmãs. Duas vezes no fragmento, Jesus fala de sua mãe e de sua mulher - sendo que uma das duas ele chama de Maria. Os discípulos discutem se Maria é digna, e Jesus diz que "ela pode ser minha discípula".

Segundo Karen, somente por volta do ano 200 é que foi afir-

mado, em texto registrado por Clemente de Alexandria, que Jesus não se casou. Na época havia uma discussão se os cristãos deveriam se casar ou viver no celibato. Segundo Clemente, cristãos da época afirmavam que o casamento fora instituído pelo demônio. A pesquisadora afirma que Tertuliano de Cartago, uma ou duas décadas depois, foi quem declarou que Jesus não havia se casado. Ele, contudo, não condenava o casamento - desde que ocorresse apenas uma vez, mesmo em caso de morte de um dos cônjuges.

No final, afirma Karen, a visão dominadora foi a de que o celibato é a mais alta forma de virtude sexual do cristianismo, enquanto permite o casamento, mas apenas para a reprodução. "A descoberta desse novo evangelho oferece uma ocasião para repensar o que achávamos saber ao questionar qual foi o papel que o status conjugal de Jesus teve historicamente nas controvérsias dos cristãos antigos sobre casamento, celibato e família. A tradição preservou apenas aquelas vozes que clamavam que Jesus nunca se casou. O 'Evangelho da Mulher de Jesus' agora mostra que alguns cristãos pensavam de outra forma."

fonte: terra.com.br



O CASAMENTO DE JESUS

A pesquisadora Karen King, da Universidade de Harvard, ao apresentar, recentemente, à Comunidade científica mundial um minúsculo pedaço de papiro, em caracteres coptas, falando de um possível "casamento" de Jesus, mexeu num vespeiro que a hierarquia católica faz questão de manter fechado e trancado a sete chaves, há séculos. Autêntico ou falso, tem uma importância imensa dentro da história e de todo o contexto do cristianismo.

Se ele for realmente do século IV, como, a princípio, parece ser, faz parte dos documentos que foram escondidos nas cavernas do Mar Morto (Qumran) e do alto Nilo (Nag Hammadi) para não serem queimados ou destruídos logo após o Concílio de Nicéia (325), por serem tidos como gnósticos.

O Concílio de Nicéia, como todos sabem, foi convocado pelo imperador Constantino, que usou o Cristianismo para unificar seu vasto império.

Aí tivemos o primeiro "Mensalão", tão ou até mais vergonhoso do que o que está sendo julgado agora no STF. Em troca de benesses concedidas ao clero e de títu-

los de posse de vastos territórios, comprou o voto dos trezentos bispos reunidos em seu palácio. Induziu, para não dizer obrigou, o Concílio a decretar o dogma da Santíssima Trindade (um só Deus em Três Pessoas), assim como ele (Constantino) era o único e absoluto imperador de todo o Império Romano, não podia haver mais que uma Única Divindade. O Bispo de Alexandria, Santo Atanásio, encontrou o termo adequado (homousios) para se decretar que o Verbo Encarnado era "consustancial" ao Pai. Assim, Ario que não comunhava com o imperador e, consequentemente, com o Concílio, foi excomungado e deportado. O machismo dominante na época tornou-se mais radical ainda: só homens podiam mandar, e o exercício do sacerdócio seria exclusivo dos machos. As mulheres deviam se manter longe do altar do "sacrifício", porque não eram dignas de "tocar" no Corpus Christi.

A misoginia já manifestada por Pedro, quando pediu a Jesus que afastasse Maria Madalena do grupo deles porque ela, mulher, não era digna de estar com eles, discípulos, se tornou cada vez mais acir-

rada dentro da Igreja, em relação às mulheres. Muitos pregadores daquela época, seguindo a versão de Lucas, 7, 36-50, passaram a chamar Madalena de "pecadora", de "prostituta", para lançar uma nuvem negra sobre sua pessoa, e afastá-la de Jesus. Santo Agostinho, Bispo de Hipona, ensinou que o pecado havia entrado no mundo através da mulher (pecado original). O sexo era a coisa mais abominável que existia, só tolerado para a reprodução e, assim mesmo, por causa dele todo mundo nasce com pecado original... Dentro da mesma vertente de falsa pureza que se queria pregar, o casamento para os padres passou a ser proibido; primeiro, porque o ministério sacerdotal era incompatível com o casamento, e segundo, porque os bens da Igreja não podiam ser divididos entre herdeiros de um de cujus. Só quatro versões do Evangelho (Mateus, Marcos, Lucas e João), chamados canônicos, foram aprovadas. O resto deveria ir para a fogueira. Muita coisa boa se perdeu para sempre. Aí, ninguém sabe, a explicação do sumiço de Jesus, nos textos bíblicos, por quase 20 anos (12 aos 30). Tudo indica que esse

fragmento agora exibido tem tudo a ver com o Evangelho apócrifo de Felipe, achado em 1945, em Nag Hammadi, que diz com todas as letras que Jesus amava Maria Madalena e que, com frequência, a beijava na boca. Ora, beijo na boca, ao que se sabe, acontece sempre entre marido e esposa. Logo, o termo "minha mulher" encontrado no papiro só nos diz que Jesus, homem como nós, tinha o direito de amar uma mulher. Com Frei Jacir de Freitas Faria, renomado exegeta da atualidade, podemos perguntar: Que erro há nisso? Como bom judeu, Jesus jamais teria proibido essa relação humana e divina. O que não contradiz com o seu conselho de vida celibatária dada aos que queriam se dedicar de forma integral ao Reino.

Embora os evangelhos apócrifos, desde o IV século, não sejam reconhecidos pela Igreja, sua legitimidade é incontestável, e hoje, são largamente aceitos como complementos aos canônicos.

O certo é que onde há fumaça, com certeza existe fogo também. Não obstante os Evangelhos, em lugar nenhum, falem que Jesus tenha se casado, pelos textos apócri-

fos, sobretudo este último, a gente é inclinado a admitir que ele não fugiu à regra. E se Ele tivesse tido uma "mulher", que mal teria nisso?

Diante de uma lógica puramente humana, é intrigante e incompreensível a linha doutrinária, teológica e até de fé, perseguida, defendida e pregada pela Igreja/hierarquia, há séculos, negando peremptoriamente um possível envolvimento amoroso de Jesus com Maria Madalena. Leonardo Da Vinci, ao pintar o "famoso" quadro da Ceia, no século XVII, a pedido do Papa da época, colocou "maldosamente" ao lado de Jesus uma figura de mulher.

O casamento, instituído ab initio pelo Criador (Gênesis 1, 3: "Deus viu tudo que tinha feito: e era muito bom") é um estado de vida natural, bom, excelente e santificador abraçado por mais de 99,9% da humanidade. O celibato, embora bom e louvável, é uma exceção. Logo, se Jesus tivesse tido uma esposa, não existe motivo nenhum para tanta neura..

Belo Horizonte, 19/09/2012
José Lino de Araújo
 joselinodearaujo@gmail.com
 Enviado por e-mail ao editor

PADRE CASADO DECIDE VOLTAR AO MINISTÉRIO SACERDOTAL

Romeu Teixeira Campos, padre casado de Minas Gerais, decide voltar ao ministério sacerdotal.

"Estou voltando às funções sacerdotais por própria conta, independente de autorização ou da aceitação de alguma autoridade da Igreja Católica".

"O encorajamento a essa declaração minha se alinha com o movimento de desobediência que está em curso em alguns países do centro da Europa incluindo um número considerável de "leigos" católicos conscientes e de alguns sacerdotes também. O Movimento Internacional "Nós Somos Igreja" parece ser um parceiro importante e, no caso do Brasil, ao que sabemos, nenhum grupo se declara partidário da iniciativa de desobediência, a não ser o nosso pequeníssimo grupo denominado NUNSI, cuja sede é nossa casa aqui em Santa Luzia-MG. NUNSI quer dizer Núcleo de Nós Somos Igreja".

"Durante quarenta e quatro anos cumpri o Rescrito Papal que me impunha o afastamento de qualquer

ato próprio das funções sacerdotais, tempo suficiente para que estudos teológicos me convencessem da ilicitude e da invalidade desse ato, nulo de pleno direito, além de altamente incoerente para quem sempre ensinou a indelebilidade do caráter sacerdotal. A punição que cai sobre o sacerdote que opta pelo matrimônio não tem base em delito algum, pois o sacramento do matrimônio não pode ser visto como delito. O sujeito desse sacramento, como tal, não é penalizável por isso, pois o matrimônio é um sacramento como os demais, não podendo, portanto, ser tratado como se tivesse a triste característica de coínquinar, manchar, sujar ou invalidar algum ato sagrado. O procedimento atual da cúpula eclesial é a celebração de uma comunidade, é o povo. É o povo que deve indicar, em cada ocasião, quem é que vai presidir a Missa".

"Quando disse que eu estou voltando por conta própria, até mesmo a celebrar missa, se for preciso, eu quero dizer claramente que não estou buscando nenhum tipo de evidência semelhan-



te à que tive no passado. Já há muito tempo defendo que, como no princípio da Igreja (com os primeiríssimos cristãos) quem deve autorizar a celebração é a comunidade, é o povo. É o povo que deve indicar, em cada ocasião, quem é que vai presidir a Missa".

"Paróquia virtual" é uma expressão que provisoriamente pode ser usada para nomear todas as pessoas que aderirem às novas ideias de revitalização e reconhece-

rem um Coordenador que poderá funcionar, quem sabe, como um provedor religioso.

Teremos, assim, duas casas onde nos congregarmos: a casa da Internet com nossos e-mails, nossos saites, nossos blogues, nossas redes sociais (Orkut, Facebook, etc.,etc.) e as casas onde se realizarem celebrações e ritos (sacramentos, missas, casamentos, etc)".

Romeu Teixeira Campos, padre casado, três filhos, 82 anos, mora em Santa Luzia,

MG. Ligado à instituição NÓS SOMOS IGREJA. Membro ativo, durante muitos anos do Movimento das Famílias dos Padres casados (MFPC) mineiro e um de seus animadores. Estudioso de temas religiosos, licenciado em filosofia, graduado em teologia, bacharel em tradução, advogado aposentado.

Romeu Teixeira Campos
Fonte:
consensonafe.blogspot.com
e asspop.hotmail.com

OBS. : Há cerca de 5 anos, um grupo de meia dúzia de casais de Brasília, também anunciou algo de parecido, mas, por motivos ainda não explicitados, não prosperou nessa ideia.

Esta é a primeira vez que, no MFPC, se tem notícia de alguém que toma publicamente esta resolução. Se bem que, no grupo do MFPC de Belo Horizonte, vários colegas, há anos, de maneira mais ou menos explícita, vêm celebrando missas e casamentos.

Podemos concordar ou discordar, mas antecipo

que Romeu Campos é uma pessoa séria e muito bem preparada teologicamente, além de bom conhecedor do Direito canônico e do Concílio Vaticano II.

Para um MFPC que mostra dificuldades em tomar atitudes corajosas perante uma hierarquia que nos respeita, mas que, na prática, nos ignora, esta atitude de Romeu pode ser profética e anunciadora de novos possíveis CAMINHOS E RUMOS CONCRETOS, de atitude e de ação para o nosso Movimento que muito já falou e analisou, mas que pouco ainda realizou na linha de uma atitude e uma ação verdadeiramente profética no Povo de Deus que caminha no Brasil do Monte Caburá (RR) ao Chuí e da Ponta de Seixas, PB, às nascentes do Rio Moa, no Acre.

Precisamos de Profetas como Romeu e de relembrar o forte apelo de Julio Piniello, coordenador do MPC da Espanha, no Encontro Internacional de Brasília: "Precisamos fazer, fazer, fazer. Precisamos ousar".

João Tavares

CONTRA O CELIBATO OBRIGATÓRIO

Sabe-se que a obrigatoriedade do celibato não remonta à fundação da Igreja por Jesus. O próprio Pedro tido como primeiro bispo da Igreja Romana, era casado, pois o Evangelho narra a cura de sua sogra por Jesus (Lc 4.38). Ora se Pedro tinha uma sogra, era por ser casado. Jesus não impôs o celibato para os apóstolos, se o fizesse estava contrariando uma tradição no judaísmo onde os sacerdotes eram casados. João Batista era filho de um sacerdote, Zacarias, que era casado com Isabel (Lc.1.5). Por outro lado, São Paulo na Carta a Tito, recomenda que o bispo deve ser casado com uma só mulher, não ser chegado ao vinho e ter bons filhos (Tt.1:6). Portanto não há justificativa bíblica nem para a manutenção da obrigatoriedade do celibato.

Na História da Igreja no Brasil registram-se, pelo menos, dois importantes momentos de luta contra o celibato: Um liderado pelo Padre Diogo Antonio Feijó em 1828, quando proferiu, na Câmara dos Deputados, importante discurso condenando o celibato obrigatório e provando que o mesmo não

era bíblico e sim anti-natural. Feijó, como se sabe tinha mulher e filhos, a Igreja Católica tolerava esta situação, por força do Benepácio e Padroado, sistema incluso na Constituição de 1824 que permitia a indicação de cargos eclesialísticos pelo Imperador.

O outro momento foi na década de 1940 quando o bispo Dom Carlos Duarte Costa, ex-bispo de Botucatu, SP e bispo titular de Maura (Mauritânia) à época, defendeu a extinção do celibato obrigatório na Igreja, dentre outras mudanças. As divergências entre o prelado e o Papa Pio XII culminou com a sua excomunhão. Indiferente ao ato papal, dom Carlos fundou a Igreja Católica Apostólica Brasileira - ICAB, tendo sido eleito bispo do Rio de Janeiro e presidente da mesma. Na Igreja por ele fundada o celibato não é obrigatório.

Mais recentemente uma outra autoridade da Igreja no Brasil se manifestou contra o Celibato obrigatório e pela ordenação de mulheres, foi dom Clemente Isnard, bispo emérito de Nova Friburgo-RJ. Em seu livro: Reflexões de um Bispo Sobre as Instituições Ecle-

siásticas Atuais, ele diz textualmente: "A Igreja faz atualmente um esforço tão grande para abrir e manter seminários com resultados por vezes decepcionantes. Por que tantos seminaristas deixam o seminário antes da ordenação? Não poucos por causa do celibato". O celibato deveria ser opcional e não obrigatório.

A maior mudança que a Igreja Católica poderia fazer, neste momento, seria abolir a obrigatoriedade do celibato. A convivência entre padres casados e celibatários, seria uma riqueza para a igreja e a revitalizaria. Os padres casados levariam seus filhos suas famílias para a Igreja, haveria uma integração maior entre família e igreja e isso a fortaleceria.

O IBGE está fazendo previsão de que a partir da década de 30 deste século, o Brasil deixará de ser um país de maioria católica, passando os evangélicos a serem maioria. Uma das inúmeras explicações do avanço do número de evangélicos é, na minha modesta opinião, o fato do presbítero, o pastor, ser casado e levar consigo toda a sua família para a igreja. A família parti-



cipa, naturalmente, do dia da igreja. O presbítero, sendo casado, conhece os problemas da família e do matrimônio e a partir de sua vivência, orienta os seus fiéis.

Não se trata de abolir o celibato, mas de deixá-lo opcional. Aqueles que tiverem vocação para a ordem, sendo casados ou solteiros puderem realizar-se

como discípulos de Cristo, como Ele o fez com os seus apóstolos. Oxalá que a Igreja um dia se sensibilize com esta causa.

Francisco Artur Pinheiro Alves
Professor do curso de História da Universidade Estadual do Ceará e doutor em Educação pela Universidad Autónoma de Asunción - Py.

APOSENTADORIA PRECOCE DA VIDA RELIGIOSA?

Tempos atrás li um artigo muito interessante do padre Alfredinho Gonçalves que fala da aposentadoria precoce da Vida Religiosa.

Padre Alfredinho (autor de *Viver os votos em tempos de Modernidade. Desafio para a Vida Religiosa*, por Edições Loyola) chamava a nossa atenção para o fato de que muitos frades e freiras estão abandonando as fronteiras da missão e passando a viver uma vida cômoda e quase parasitária. Não querem mais estar na linha de frente, nos territórios de missão, nas periferias do campo e da cidade, nos ambientes insalubres e assim por diante. Querem uma vida mais tranquila, mais parada, mais inerte e buscam lugares onde seja possível formar um círculo de amigos para se comunicar com eles de forma virtual pelo Facebook, pelo Twitter, pelo MSN etc., mesmo quando o amigo está no computador ao lado.

Segundo padre Alfredinho, as causas desse envelhecimento precoce seriam duas: a falta de uma intimidade com Deus e a ausência de uma vida fraterna em comunidade. Não haveria mais na Vida Religiosa uma espiritualidade profunda, capaz de sacudir as pessoas e de impulsioná-las para a missão. Uma espiritualidade como aquela experimentada pelos discípulos de Emaús. Além disso, faltaria, segundo padre Alfredinho, a vida fraterna em comunidade. Existem na Vida Religiosa comunidades, pessoas agrupadas, mas não existe a verdadeira experiência de vida fraterna, entendida como encontro de pessoas convocadas e reunidas pela Trindade.

Com certeza a "aposentadoria precoce" é um fenômeno bem característico de nosso tempo e não atinge somente a Vida Religiosa. Filósofos como Vattimo e Bauman há muitos anos vêm falando disso. Para eles o sujeito pós-moderno é um "homo debilis", ou seja, um ser muito fraco, sem disposição, sem garra, alguém que já nasce cansado e entediado. Falta-lhe vontade de viver, de pensar e de agir. O máximo que ele consegue fazer é curtir o momento pre-



cente de forma banal, superficial e medíocre. Neste contexto de sociedade do "controle remoto" as pessoas não têm disposição para nada e pretendem obter o máximo de resultados com o mínimo de esforço possível.

Sendo um fenômeno da cultura pós-moderna, a aposentadoria precoce termina afetando também a Vida Religiosa. Esta, por sua vez, tem muita dificuldade para viver no mundo real e para dar-se conta do que realmente acontece. Não consegue inculturar-se e acompanhar os tempos e os jovens que chegam às casas de formação. Por esse motivo não planeja ações educativas eficazes, capazes de contribuir para que a juventude reelabore as experiências pós-modernas e possa se inserir plenamente no ambiente desafiador da missão.

No meu entender, o padre Alfredinho, em suas reflexões, se esqueceu de apontar a verdadeira causa que está por trás de tudo isso. Não há dúvidas de que falta à Vida Religiosa atual uma verdadeira e profunda espiritualidade, entendida como experiência de intimidade com o Deus de Jesus

Cristo que age na história por meio do seu Espírito. Não há dúvidas de que as comunidades religiosas, hoje, na sua quase totalidade, se tornaram meros hotéis onde pessoas individualistas dormem, recitam mecanicamente certas orações e fazem algumas refeições juntas. Porém, os projetos são pessoais, na maioria das vezes sem nenhuma relação direta com a missão da Igreja, da Vida Religiosa e do Instituto.

Todavia, não podemos culpar apenas os indivíduos, como se eles não quisessem ter espiritualidade ou viver em comunidades fraternas. Por essa razão é preciso dizer que a causa principal da aposentadoria precoce da Vida Religiosa não está tanto nas pessoas, vistas singularmente, mas no sistema institucional completamente falido e ultrapassado que rege as congregações religiosas. Este sistema ainda tem a cara de Trento e, pior ainda, do espírito da Contrarreforma. Ele é inflexível, autoritário, burocrático, frio e trata as pessoas de vida consagrada como se elas fossem apenas objetos que podem ser manipulados. Está ainda pautada na obediência cega ao

superior. Exemplo disso é o caso recente de um religioso que recebeu, via e-mail, a comunicação de sua transferência para outra comunidade. Não houve diálogo, entendimento e justificativa. Foi obrigado a transferir-se em nome da "santa obediência".

O "aggiornamento" tão querido pelo Vaticano II quase não aconteceu. A tão sonhada "reforma" da Vida Religiosa não passou de mais um chavão repetido até a exaustão na última década do século passado. Na quase totalidade dos casos as mudanças foram periféricas e não atingiram os alicerces da Vida Religiosa. Em alguns ambientes, como a América Latina e os Estados Unidos, por exemplo, tivemos tentativas sérias de mudanças, mas foram sufocadas pelos controles europeus, os quais não permitiram que a Vida Religiosa fosse realmente refundada.

Se por um lado o sistema ainda é tridentino, por outro ele é afetado violentamente pela mentalidade pós-moderna. A diminuição de membros, o aumento de atividades, o envelhecimento das pessoas fizeram com que esse siste-

ma, mesmo rígido, admitisse em seu meio sujeitos pós-modernos, prometendo-lhes muitas vantagens. Temos assim configurada uma verdadeira esquizofrenia. O ritmo do sistema é pré-moderno, fechado, rigoroso, exigente, mas as pessoas que chegam são filhas do tempo, ou seja, pós-modernas, centradas no self, no mais absoluto individualismo. Isso gera uma enorme tensão, uma vez que aos jovens que chegam é cobrado um estilo de vida tridentino, mas eles não têm a necessária resistência para encarar um modelo de existência tão rígido. Em decorrência disso, ficam facilmente cansados e desistem. Não querem abandonar a Vida Religiosa porque ela lhes oferece muitas vantagens. Assim terminam ficando como parasitas, apenas sugando e desfrutando as benesses que uma Vida Religiosa aburguesada lhes possibilita.

A saída para esse impasse está na ousadia, na clareza da proposta, na opção pela inserção entre os pobres. Há no mundo de hoje jovens corajosos, buscando radicalidade, desejosos de se comprometerem com projetos sérios de justiça e solidariedade. Mas estes jovens não se sentem de estar dentro de um sistema religioso carcomido e arcaico, que, por sua vez, para manter-se inflado e numeroso, negocia até mesmo o negociável. Há que se mudar o atual sistema da Vida Religiosa. Do contrário, ela desaparecerá em breve. A própria história da vida consagrada comprova isso. Afinal de contas este modelo de Vida Religiosa que temos não é essencial para a Igreja. Pode muito bem ser substituído por outras formas de seguimento de Cristo muito mais proféticas e muito mais atuais.

José Lisboa Moreira de Oliveira
Filósofo. Doutor em teologia. Ex-assessor do Setor Vocações e Ministérios/CNBB. Ex-Presidente do Inst. de Pastoral Vocacional. É gestor e professor do Centro de Reflexão sobre Ética e Antropologia da Religião (CREAR) da Universidade Católica de Brasília.
Adital

RESPONSABILIDADE PELA PEDOFILIA DE CLÉRIGOS

Quem é juridicamente responsável?

Novamente voltam à grande imprensa os descabidos casos de pedofilia por parte de clérigos. E fica um grande escândalo para os fiéis católicos.

Por que nunca se atrevem os cidadãos, católicos ou não, a exi-

gir a devida justiça?

Salvo alguns casos que se resolveram com milionárias somas de dólares para "silenciar e/ou indenizar a inúmeras vítimas". A Igreja católica reduziu sua nação a "evitar o escândalo", "encobrindo durante anos" os delitos do caso. Para isso

recorreu ao "Código de direito canônico". Em última instância ficava a intervenção de Bento XVI, em nada mais.

O cânon 1404 reza: "A Santa Sé não pode ser julgada por ninguém". Mas vale este "direito canônico" para a justiça civil? Qualquer jurista dirá: não vale... é um

recurso abstrato.

E aqui está o problema. As legítimas autoridades eclesiais da Argentina recorreram ao direito canônico, e enviaram os resultados ao Papa. E o Papa calou... e continua calando... já que a Santa Sé não pode ser julgada por ninguém.

Calará também a justiça civil? Se o Papa comete "o delito de encobrimento" deve ser submetido ao processo civil e penal quando viaja fora de seu Estado Vaticano? Algum Dr. Baltasar Garzón aparecerá e será justiça?

Padre Aguirre
padreaguirre@arnet.com.ar

COMEMORAR OS 50 ANOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO DE 1962-65

O verbo "comemorar" significa "juntar-se a outras pessoas para fazer a memória" e traz implícito o sentimento de alegria que perpassa esse encontro. E disso se trata: trazer para o tempo atual aquele grande evento de meio século atrás. Habitualmente se identificam os concílios pelo local - e não pela época - de sua realização. Mas no caso desta comemoração é muito mais importante datar o evento do que sua localização na cidade-estado do Vaticano. Neste breve artigo quero destacar seu caráter de mudança de época.

Os anos de 1945 a 1973 ficaram conhecidos como "anos dourados", porque entre o término da guerra e a primeira crise do petróleo o desenvolvimento das forças produtivas provocou profundas transformações sociais, culturais e políticas em todas as partes do mundo. É nesse contexto que se inscreve a grande reunião do episcopado católico, a pedido dos Papas João XXIII e Paulo VI, para "colocar em dia" a Igreja Católica nesse mundo que iniciava seu processo de globalização. Por mais que a "tradição dos Pios" ainda fosse hegemônica entre o clero encastelado nas cúrias eclesásticas, já era evidente seu anacronismo diante do mundo



moderno prestes a entrar na revolução cultural que eclode em 1968. As pesquisas sócio-religiosas apenas confirmavam o que qualquer pessoa atenta aos fatos podia observar: a crescente desafeição dos fiéis pelas normas e doutrinas em vigor na Igreja católica romana. Foi o abalo institucional provocado pelo caráter ecumênico do concílio que permitiu seu diálogo com a modernidade.

O concílio foi ecumênico não só por reunir bispos de todo o mundo - inclusive estadunidenses incapazes de se expressarem em latim - quanto por seu espírito de abertura a outras Igrejas cristãs. A velha cúria romana, que se via e era vista como indispensável ao

Papado - e, por conseguinte, à unidade da Igreja universal - de repente se vê ultrapassada pela colegialidade episcopal. A aliança estratégica formada pelos "padres conciliares" em sintonia com o papa derubava a fortaleza da cúria romana e faz avanços notáveis no campo teológico, bíblico, litúrgico e sociopolítico. Foi como um arado que desmancha os restos da antiga plantação ao preparar o terreno para nova sementeira. E assim, passados apenas três anos, novos campos estavam semeados e já começavam a frutificar.

As Igrejas da América Latina e Caribe receberam os frutos do Concílio ecumênico não somente para saboreá-los, mas também para

deles tirarem novas sementes a serem plantadas em seus campos. Eram tempos difíceis, marcados por ditaduras militares, violações de direitos humanos, resistência armada e, principalmente, o esmagamento dos direitos dos pobres. A assembleia episcopal de Medellín, em 1968, traça as diretrizes pastorais que adaptarão aquelas sementes aos solos de Nossa América. Em pouco tempo elas desabrocham num novo modo de ser Igreja que engloba as Comunidades Eclesiais de Base, as Pastorais sociais e as Conferências episcopais; a teologia que lhe serve de fundamento será conhecida por sua proposta de Libertação face às estruturas opressoras em vigor em nossas sociedades; enfim, a explicitação da opção preferencial pelos pobres - presente já na própria convocação do Concílio - vem completar o quadro estrutural desse catolicismo recomposto desde suas fontes neotestamentárias rejuvenescidas pelo Concílio de 1962-65.

Quando tudo indicava que a Igreja católica, renovada desde dentro, partiria em missão no mundo conturbado pela "guerra fria" para proclamar a boa nova da Paz com Justiça, ocorre o inesperado retorno da antiga aliança entre o Papa e a Cúria Romana, enfraque-

cendo-se a colegialidade episcopal universal e o ecumenismo. Com efeito, apesar de afirmarem sua adesão à teologia consagrada pelo Concílio, os dois últimos papas governaram a Igreja como se lhes bastasse o apoio das congregações romanas. Nesse contexto, as Igrejas particulares que seguem levando em frente as propostas do Concílio se vêem marginalizadas por Roma, como se não fossem, também elas, concretizações legítimas da mesma Igreja católica.

É, portanto, muito oportuno - e muito bom! - promover encontros e reuniões onde se torne presente, ao fazer-se a memória, o evento do Concílio Ecumênico de 1962-65.



Pedro A. Ribeiro de Oliveira
FONTE: adital.com.br

VATICANO, HERESIA DO CRISTIANISMO

No início do século XX o teólogo francês modernista Alfred Loisy escreveu em O Evangelho e a Igreja: "Jesus anunciou o Reino e veio a Igreja". O papa foi logo colocar o trabalho no Índice de Livros Proibidos. No entanto, Loisy estava certo, como demonstrou depois o exegeta alemão Rudolf Schnackenburg em seu influente livro A Igreja do Novo Testamento: "Não a igreja, mas o Reino é a intenção final do plano divino." Schnackenburg é o teólogo de referência Bento XVI em sua recente obra sobre Jesus de Nazaré de maneira reiterada e elogiosa.

Eu acredito que a Igreja é a primeira falha de Jesus da Galiléia, que lançou um movimento igualitário de homens e mulheres nascidos na "Galiléia dos gentios", contra-hegemônico, localizado às margens da sociedade e da religião judaica, anunciando o reino de Deus como uma alternativa à religião político-imperial e à religião tradicional.

Então veio a Igreja como organização patriarcal e hierarquizada, aliada com poder e ela mesma detentora de todo o poder, espiritual

e temporal. Ela teve que violar a ordem do Mestre: "Vocês sabem que aqueles que são considerados governantes das nações, as dominam como senhores absolutos, e os grandes homens oprimem com seu poder. Mas não há de ser assim entre vós, mas quem quiser tornar-se grande entre vós, será vosso servo, e quem quiser ser o primeiro entre vós será servo de todos" (Marcos 10,42-44).

A Igreja foi organizada de modo imperial, e com o tempo tornou-se um Estado sob a autoridade do Papa, pessoa com mais poder do que os faraós egípcios, os imperadores romanos, os califas otomanos e os reis católicos, mas que ousa chamar-se de "servo dos servos de Deus".

"Se a Igreja não é de instituição divina, muito menos é o Vaticano. Este não é o centro do cristianismo, nem Roma, a cidade santa e eterna, mas um lugar de intrigas, maquinações, traições, lutas de poder, negócios obscuros. Eu não sei se ela nasceu para isso, mas, historicamente, tem atuado assim, por vezes, com obscuridade e trai-



ção; outras abertamente, ao ponto de tornar-se exemplo, ou melhor, mau exemplo, de comportamentos obscuros, que muitas vezes foram justificados e imitados.

O papa não está livre de intrigas, faz parte delas e, às vezes, seu principal responsável. É o caso de Bento XVI, que está 30 anos no centro da trama, primeiro como presidente da Congregação todo-poderosa Congregação da Doutrina da Fé, que condenou teólogos e teólogos acusados de heterodoxos e substituiu bispos do Concílio Vaticano II por bispos neoconer-

vadores. Em seguida, no Conclave, onde moveu todos os fios para chegar a sua eleição papal, com o apoio da maioria dos cardeais que tinham sido designados durante seu mandato como Inquisidor da Fé. E agora como chefe de Estado da Cidade do Vaticano, que de acordo com a "constituição" do Vaticano, tem em sua pessoa a plenitude dos três poderes, e como Papa, que governa milhões de católicos de todo o mundo que não participaram na sua eleição e cujas decisões são inapeláveis.

Ontem soubemos da notícia de

mordomo do Papa Paolo Gabriele e do funcionário da Secretaria do Vaticano Claudio Sciarpetti, acusados de roubo e divulgação de documentos secretos da Santa Sé, de acordo com a decisão do juiz instrutor do Tribunal de Justiça do Estado do Vaticano contra o mordomo do Papa, Gabriele, acusado de "roubo qualificado". O mordomo reconheceu as acusações contra ele, alegando que ele pretendia "melhorar a situação da Igreja vivida dentro do Vaticano, e nunca para prejudicar a Igreja."

Eu acho que na trama está envolvida em grande parte da Cúria, incluído o papa. Todos deveriam ser investigados. E, após a investigação, abolir o Vaticano como um Estado, que é a grande heresia do Cristianismo, e o Papa como chefe de Estado, que é a personificação do poder absoluto. Para aí deve iniciar a Reforma da Igreja, como acabou de propor Casaldàliga, bispo catalão emérito da Prelazia do Brasil, São Félix de Araguaia.

Juan José Tamayo
Fonte: O jornal da Catalunha
14 de agosto de 2012

EXEMPLO DE VIDA

Um repórter perguntou à poeta Cora Coralina o que é viver bem. Ela lhe disse:

Eu não tenho medo dos anos e não penso em velhice. E digo pra você, não pense. Nunca diga estou envelhecendo, estou ficando velha. Eu não digo. Eu não digo que estou velha, e não digo que estou ouvindo pouco. É claro que quando preciso de ajuda, eu digo que preciso.

Procuo sempre ler e estar atualizada com os fatos e isso me ajuda a vencer as dificuldades da vida. O melhor roteiro é ler e praticar o que lê. O bom é produzir sempre e não dormir de dia.

Também não diga pra você que está ficando esquecida, porque assim você fica mais.

Nunca digo que estou doente,



digo sempre: estou ótima. Eu não digo nunca que estou cansada.

Nada de palavra negativa. Quanto mais você diz estar fican-

do cansada e esquecida, mais esquecida fica. Você vai se convencendo daquilo e convence os outros. Então silêncio!

Sei que tenho muitos anos. Sei que venho do século passado, e que trago comigo todas as idades, mas não sei se sou velha, não. Você acha que eu sou?

Posso dizer que eu sou a terra e nada mais quero ser. Filha dessa abençoada terra de Goiás.

Convoco os velhos como eu, ou mais velhos que eu, para exercerem seus direitos. Sei que alguém vai ter que me enterrar, mas eu não vou fazer isso comigo.

Tenho consciência de ser autêntica e procuro superar todos os dias minha própria personalidade, despedaçando dentro de mim tudo que é velho e morto, pois lutar é a

palavra vibrante que levanta os braços e determina os fortes.

O importante é semear, produzir milhões de sorrisos de solidariedade e amizade. Procuo semear otimismo e plantar sementes de paz e justiça. Digo o que penso, com esperança.

Penso no que faço, com fé. Faço o que devo fazer, com amor. Eu me esforço para ser cada dia melhor, pois bondade também se aprende.

Mesmo quando tudo parece desabar, cabe a mim decidir entre rir ou chorar, ir ou ficar, desistir ou lutar; porque descobri, no caminho incerto da vida, que o mais importante é o decidir."

Manuel Santos
manuel.basiliao@gmail.com
Enviado por e-mail ao editor

CONDENAÇÃO DE TEÓLOGOS E TEÓLOGAS: NENHUMA SURPRESA NESTES TEMPOS

O papa e o Vaticano estão cada vez mais defendendo a ideia de uma Igreja remanescente - uma Igreja pequena e pura que se vê muitas vezes em oposição ao mundo ao seu redor. Parece como se as autoridades da Igreja não estão nada preocupadas com aqueles que deixam a Igreja. Qualquer outra organização tomaria medidas fortes para remediar a perda de um terço de seus membros.

A opinião é do teólogo norte-americano Charles E. Curran, professor da cátedra Elizabeth Scurlock de Ética Cristã da Southern Methodist University. O artigo foi publicado no sítio do jornal National Catholic Reporter, 06-06-2012. A tradução é de Moisés Sbardelotto.

Eis o texto.

A condenação por parte da Congregação para a Doutrina da Fé ao premiado livro da Ir. Margaret Farley, das Irmãs da Misericórdia, Just Love: A Framework for Christian Sexual Ethics, não é nenhuma surpresa. A Congregação insiste que o livro "não pode ser usado como uma expressão válida da doutrina católica" porque discorda do magistério hierárquico sobre masturbação, atos homossexuais, uniões homossexuais, indissolubilidade do casamento, divórcio e segundo casamento.

Há uma longa lista de teólogos morais católicos cujas obras sobre ética sexual, em um veio semelhante, foram condenados ou censurados pela Congregação para a Doutrina da Fé ao longo dos últimos 40

anos. O Papa João Paulo II escreveu a sua encíclica Veritatis splendor, em 1993, por causa da discrepância entre o ensino oficial da Igreja sobre questões morais e o ensino de alguns teólogos morais, até mesmo nos seminários. Segundo o papa, a Igreja está "enfrentando o que certamente é uma crise genuína, que não se trata já de contestações parciais e ocasionais, mas de uma discussão global e sistemática do patrimônio moral".

Todos têm que reconhecer que há uma crise real como essa na Igreja hoje. Mas a crise não é apenas uma crise na teologia moral: ela envolve uma crise na Igreja como um todo e na nossa própria compreensão da Igreja Católica. De acordo com o respeitado Pew Forum on Religion & Public Life, uma em cada três pessoas que foram educadas como católicas romanas nos Estados Unidos já não é mais católica. A segunda maior "denominação" nos EUA é de ex-católicos. Uma em cada 10 pessoas nos EUA é ex-católica. Todos nós temos experiência pessoal daqueles que deixaram a Igreja por causa do ensino sobre questões sexuais. Questões relacionadas, incluindo o papel das mulheres na Igreja, o celibato para o clero e o fracasso das lideranças eclesiais em lidar com o escândalo dos abusos infantis e o seu encobrimento, também foram reconhecidas como razões pelas quais muitas pessoas abandonaram a Igreja Católica.

A reação de papas e bispos até teólogos morais revisionistas é apenas uma parte de uma realidade



Um grupo de teólogos

de crescente em nossa Igreja hoje. Há uma ladainha de outras ações similares tomadas pelo Vaticano - as restrições impostas à Leadership Conference of Women Religious (LCWR); o controle sobre as atividades da Caritas Internationalis, a agência da Igreja dedicada à ajuda aos pobres; a reação muito negativa das associações de padres na Áustria e na Irlanda; a remoção de Dom William Morris, bispo de Toowoomba, na Austrália, por ter meramente incentivado a discussão sobre o celibato e o papel das mulheres; a nomeação apenas de clérigos muito seguros como bispos etc. E a lista continua.

O que está acontecendo aqui é que o papa e o Vaticano estão cada vez mais defendendo a ideia de uma Igreja remanescente - uma Igreja pequena e pura que se vê muitas vezes em oposição ao mundo ao seu redor. Parece como se as autoridades da Igreja não estão nada preocupadas com aqueles que dei-

xam a Igreja. Qualquer outra organização tomaria medidas fortes para remediar a perda de um terço de seus membros. Mas a Igreja remanescente se vê como uma Igreja forte de fiéis verdadeiros e, portanto, não está preocupada com essas partidas.

Esse conceito de Igreja opõe-se à melhor compreensão da Igreja Católica. A palavra "católico", em sua própria definição, significa grande e universal. A Igreja abraça tanto santos e pecadores, ricos e pobres, homens e mulheres, e conservadores e liberais políticos. Sim, há limites para o que significa ser católico, mas a compreensão de "católico" com "c" minúsculo insiste na necessidade de ser o mais inclusivo possível. Muitos de nós ficaram profundamente impressionados com os gestos do Papa Bento XVI no início do seu papado, ao ir ao encontro em diálogo com Hans Küng e de Dom Bernard Fellay, chefe do

grupo originalmente fundado pelo arcebispo Marcel Lefebvre. Infelizmente, hoje, o diálogo ainda está em andamento com Dom Fellay, mas não com Hans Küng.

O problema básico de tudo isso é a compreensão e o papel da autoridade na Igreja Católica. Essa questão é muito vasta e complicada para ser discutida aqui com detalhes, mas três pontos deveriam orientar qualquer consideração sobre a autoridade na Igreja.

Primeiro, a principal autoridade na Igreja é o Espírito Santo, que fala de diversas maneiras; e todos os outros na Igreja, incluindo os detentores de cargos, devem se esforçar para ouvir e discernir o chamado do Espírito.

Segundo, a Igreja precisa dar corpo à compreensão de Tomás de Aquino de que algo é mandado e ordenado porque é bom, e não o contrário. A autoridade não faz algo certo ou errado. A autoridade deve se conformar ao que é verdadeiro e bom.

Terceiro, o perigo para a autoridade na Igreja é alegar uma certeza muito grande para o seu ensino e propostas. Margaret Farley desenvolveu esse ponto em um ensaio muito significativo, Ethics, Ecclesiology, and the Grace of Self-Doubt [Ética, Ecclesiology, e a Graça da Dúvida de Si]. A pressão por certeza fecha muito facilmente a mente e às vezes também o coração. A graça da dúvida de si permite a humildade epistêmica, condição básica para o discernimento moral comunitário e individual.

Artigo de Charles Curran

DECADÊNCIA DA IGREJA CATÓLICA?

Ainda com o sentimento de alegria no coração por causa do sucesso do XIX encontro de padres casados, celebrado em Fortaleza entre 27 de junho e 01 de julho, gostaria de tecer algumas considerações acerca de temas abordados no decorrer desse encontro. Nosso encontro coincidiu com a publicação dos dados do censo de 2010 sobre a religião, cujos resultados confirmam uma impressão que tivemos na hora de ouvir a exposição de Carlo Tursi no terceiro dia: o desencontro entre a sociedade de hoje e a religião católica.

O censo revelou que o catolicismo no Brasil perde por dia mais de 400 fiéis e que a porcentagem de pessoas que se declaram católicas vem mantendo um declínio constante desde a década de 1980. O catolicismo cai da faixa de 70 % de brasileiros em 2000 para a faixa de 60 % em 2010. Enquanto isso, a porcentagem dos que se declaram 'sem religião' vem crescendo constantemente.

O que está acontecendo? Podemos falar de decadência da igreja católica? Ao que tudo indica (e foi mencionado em diversas falas no encontro), há sinais de que a igreja não esteja mais conseguindo corres-

ponder aos anseios dos tempos em que vivemos.

Gostaria de dizer algo sobre esse particular, de um ponto de vista histórico. O historiador inglês Arnold Toynbee formulou uma lei da história que me parece interessante para a compreensão do fenômeno que vivenciamos. É a 'lei do desafio e resposta', exposta no final de seu livro monumental 'Um Estudo de História' (Martins Fontes, São Paulo, 1986). Depois de estudar o surgimento, apogeu e declínio de 21 civilizações, Toynbee conclui: todo projeto humano é formulado para responder a determinados desafios, o que faz com que seja necessariamente incompleto, provisório e passageiro. Nenhum projeto humano pode aspirar à eternidade.

Mil e quinhentos anos atrás, Agostinho, em sua obra 'A cidade de Deus', formulou um projeto que está na base da igreja católica tal qual a conhecemos hoje. A questão hoje consiste em ver se há condições de reformar esse projeto, tornando-o capaz de responder aos desafios do momento. Não se pode responder a tudo, há sempre deficiência, mas há sinais que parecem indicar que a atual situação consiste numa inaptidão generalizada, por parte da igreja ca-



tólica, em lidar com a problemática do mundo de hoje.

O problema já se manifestou claramente na virada entre o século XVIII e XIX. Comparemos a atitude do papa no início do século XIX com os rumos que a França tomou no final do século anterior. A revolução francesa constitui um exemplo paradigmático de um projeto que responde de forma apropriada aos anseios do tempo. Até hoje, essa revolução molda nossa maneira de viver em sociedade (a democracia) e podemos dizer que seu sucesso já dura mais de dois séculos. Os povos querem 'liberdade, igualdade e fraternidade', e a revolução responde positivamente. Uma postura totalmente diferente é assumida pelo papa, no início do século XIX. Quando o político italiano Cavour quis unificar seu

país para formar uma nação que reunisse o norte rico (Milão) e o sul mais pobre (Nápoles), ele encontrou as maiores dificuldades por parte do papa. Para unir a Itália era preciso abolir os estados pontifícios que atravessavam o país e desse modo impediam a unificação democrática. Nesse momento da história, o papa não soube corresponder positivamente aos anseios do povo italiano, pelo contrário, ele lutou para preservar os estados pontifícios. Toynbee vê nessa recusa do papa o início da decadência do sistema católico. Por encarnar o poder supremo por tantos séculos, o papado não tinha mais sensibilidade diante do que se passava na realidade e isso constituiu um sinal de decadência. Toynbee comenta: o papa sofreu 'a embriaguez do poder', ele perdeu o contacto com a vida real.

Seguindo o raciocínio de Toynbee, o futuro da igreja católica não é promissor. É possível que ela mude totalmente de feições ou então desapareça do cenário histórico. De nossa parte, trata-se de não cair na lamentação, nem na nostalgia ou no fundamentalismo da volta ao passado. Pois a decadência de uma igreja não é um drama. Tudo que é humano é

sujeito a ritmos de crescimento, vigor e decadência. Os projetos passam, a história passa. Os projetos humanos são todos provisórios. O sonho de Agostinho deu origem a um grande projeto, que moldou o Ocidente durante longos séculos. Mas ficou na contramão do desejo de liberdade hoje se manifesta de mil maneiras. Os tempos mudam e isso é bom. O importante consiste em apoiar as energias positivas que atuam dentro do catolicismo, da mesma forma em que é bom apoiar as forças vivas existentes no candómbé, na igreja universal do reino de Deus, no pentecostalismo e em todos os projetos que procuram melhorar a vida da humanidade, de forma mais ou menos acertada ou equivocada.

A igreja católica conta com muitas forças vivas, como pudemos constatar no nosso encontro em Fortaleza. Ela dispõe de 1.100.000 fiéis; 5000 bispos; 450.000 padres; 1 milhão de freiras. Está presente em 178 estados e se espalha pelo mundo inteiro. Além disso, goza de considerável estima por parte da população, principalmente aqui na América latina. O grau de confiança do povo nas conferências episcopais da América latina é alto: 76 % no Paraguai;

78 % na Bolívia e 74 % no Brasil. Só no Chile, a confiança do povo na igreja é particularmente baixa: 38 %.

Não, o declínio do catolicismo não é um drama. O drama é outro, o desafio é outro. O que importa é que o cristianismo signifique algo para os 50 % da população mundial que vive na pobreza e mesmo na miséria. No planeta em que vivemos 25 mil pessoas morrem por dia de inanição e 16 mil crianças de fome. 852 milhões de pessoas passam fome. As pessoas que dormem na rua, as 864 favelas do Rio, as 20 a 25 pessoas que morrem por dia de forma violenta, no Rio, e que nem merecem mais uma menção no noticiário: isso dá vergonha, isso é drama. Que entre as 20 cidades mais desiguais do mundo, 5 são brasileiras (Goiania, Belo Horizonte, Fortaleza, Brasília e Curitiba), eis o que nos dá vergonha. Que mais de 10 milhões de brasileiros vivem com menos de 39 reais por mês e que a Globo nunca dá esses números, eis a vergonha, eis o apelo para o cristianismo. O drama é que 10 % das pessoas que vivem neste país detêm 75 % da riqueza que o país produz, que 5 mil famílias (1%) controlam 45% da riqueza do país.

Eduardo Hoornaert
e.hoornaert@yahoo.com.br

RESOLUÇÃO SOBRE ORDENAÇÃO FEMININA

Posição oficial da Igreja Anglicana do Brasil

1. Considerando os textos bíblicos de Romanos 16.1 e 1 Timóteo 3.11 que abertamente falam das diaconisas (função análoga a dos diáconos).

2. Considerando a opinião abalizada de teólogos, escritores e comentaristas que são autoridade na área como: João Calvino, Bonnet, Schroeder, J. Denny, A. MacLaren, E. Tognini, G. Luzzi, C. A. Scott, B. H. Carroll, E. Bosio, H. C. G. Moule, J. P. Lange, F. R. Fay, Conybeare, Schaff, Meyer, W. C. Taylor, A. N. Arnold, D. B. Ford e A. Binney, em que todos são unânimes em reconhecer que os textos bíblicos supramencionados se aplicam às diaconisas.

3. Considerando a ausência de mandamento para se ordenar mulheres e igual

ausência de proibição, tratando-se assim de matéria não normatizada pela Sagrada Escritura (adiáfora) e em assunto adiáfora compete a cada Igreja (jurisdição canônica) normatizar de acordo com o bom senso cristão e as melhores tradições eclesiais.

4. Considerando que na Tradição e História Eclesial temos provas incontestes de ordenação feminina já no início do século II quando Plínio, por exemplo, escreve a Trajano chamando as mulheres ordenadas de "Ministrae Christianae" (Ministras Cristãs); ou quando no século III Firmiliano, bispo de Cesareia, menciona uma mulher da Capadócia que celebrara a Ceia do Senhor; além dos testemunhos de Irineu de Lião, Orígenes e João

Crisóstomo que nos falam da efetiva participação feminina na vida eclesial; temos também no século V um bispo que ordenou mulheres como sacerdotisas; podemos citar o exemplo de Marcellina, responsável direta pela formação espiritual de seus irmãos: Basílio, o grande, bispo de Cesareia e Gregório de Nissa; já na idade média temos os Valdenses possuindo inúmeras pregadoras em seu movimento; já em 1532 o reformador Martin Bucer (Estrasburgo) elaborou um plano eclesialístico no qual previa a ordenação de diaconisas e finalmente o grande reformador de Genebra - João Calvino considerava que a "restrição paulina" à ordenação feminina não se tratava de um dogma de fé, mas de uma conven-

ção cultural de uma determinada época e considerava também, Febe (Rm 16.1) como exercendo o ofício público de diaconisa. Este mesmo Calvino considerava ainda, que a segunda parte do texto de 1Timóteo 5.5-16 dizia respeito "àqueles que eram ordenadas para o ministério público".

5. Considerando que a Diaconisa Febe é chamada em Romanos 12.2 de "protectora" (no original grego: prostátis - "aquele que manda, prescreve, ordena". Da mesma raiz daquele que "preside" em Romanos 12.8), vemos que as mulheres ordenadas podiam ter ofícios de presidência.

6. Considerando que uma das principais funções do Ministro Ordenado é ser profeta, isto é, trazer a men-

sagem de Deus a Seu povo, e percebendo que o próprio Deus serviu-se de "profetisas" (II Cr 34:14-28; Lc 2.36-38;), nada impede de as termos também nos dias atuais.

7. Considerando que a classe das diaconisas sempre foi presente nas Igrejas Gregas (por séculos) e Sirianas (até a atualidade), sendo a mesma mencionada já nos cânones do Concílio de Nicéia.

ENTENDEMOS:

1. Que a ordenação de mulheres ao diaconato é plenamente lícita.

2. Que a ordenação de mulheres ao presbiterato e ao episcopado é de livre escolha de cada Igreja (jurisdição canônica), não havendo nada que condene a Igreja que ordenar.

3. Que ordenar mulheres

não fere a Bíblia Sagrada e nem a Tradição e a História Eclesial.

4. Que de acordo com o "ethos" desta igreja, tendo em vista a inclusividade e a igualdade entre todos os cidadãos brasileiros, as mulheres passam a ter, oficialmente, livre acesso aos três graus do Ministério Ordenado, com os mesmos direitos e deveres dos homens.



Ricardo Lorite de Lima
Ribeirão Preto 07/04/2012



DEMOCRACIA?

No momento em que escrevo, último dia do mês de agosto, as máquinas de produzir prefeitos e vereadores pelo Brasil afora, estão funcionando a todo vapor. Vejo propagandas eleitorais sempre mais 'terceirizadas' e industrialmente produzidas. A tendência vai se acentuando com o correr dos anos. Penso que chegará o tempo em que o candidato não precisará mais nem sair de casa nem mesmo abrir a boca. Bastará fazer aparecer sua imagem, devidamente retocada, em todas as esquinas da cidade, repetir até a exaustão sua música e fazer com que o número de seu partido entre na mente de um número máximo de pessoas. Então o candidato em questão não terá mais nada a fazer a não ser pagar o preço que a empresa de propaganda lhe cobra.

Isso mostra que o problema da democracia é mais complicado do que se costuma pensar. Pode-se perguntar se as pessoas desejam realmente a democracia, se elas são efetivamente 'democráticas' e sintonizam com os políticos que afirmam, desde o século XVIII, que a democracia é o melhor sistema de governo. Inúmeros indícios na vida de cada dia mostram que a democracia não parece constituir uma referência para a grande maioria das pessoas.

A impressão é que as pessoas não se sentem mal em ser manipuladas por grupos pequenos, formados por pessoas ricas ou poderosas. Hoje os manipuladores da opinião pública se sentem tão à von-



tade que não temem mais em mostrar suas caras. Os super-ricos e super-poderosos aparecem nas revistas, nos jornais, na TV e nos grandes eventos. A impressão geral é que as pessoas gostam dessas exposições, ou seja, gostam de serem enganadas. Aparecem imagens sempre mais fantásticas de formas de poder autoritário e essas imagens se repetem de mil maneiras na TV, nos livros, nos mega-eventos religiosos e nas igrejas em geral.

Cada igreja hoje é (mais ou menos) carismática. Basta navegar pela Sky para ver como funciona o mundo de hoje na mente da grande maioria das pessoas: um mundo de fantasias em torno do poder e da manutenção da ordem. Se Machiavelli voltasse hoje, ele ficaria admirado ao ver como sua descrição da realidade política corresponde perfeitamente ao que acontece hoje. Realmente, mais do que nunca, 'o homem é um ser disponível'. Quem estiver em condições de manipular o ser humano, terá inevitavelmente sucesso, pois o homem estará sempre 'disponí-

vel' para ser enganado.

No mundo da grande comunicação não aparece de forma nenhuma a vontade de participação ou de democracia. O que aparece é o seguimento dos bem sucedidos, a vontade de imitar e de alcançar uma carreira de sucesso. Essa vontade do seguimento aparece de forma clara nos mega-eventos religiosos, hoje programados por praticamente todas as religiões. Sobressai a figura do papa, que encarna o poder total e pede que se siga cegamente o caminho que ele indica.

Caro leitor, prezada leitora, quer fazer uma pequena pesquisa comigo? Que tal entrarmos, em imaginação, numa livraria? O que nos chama a atenção, logo na entrada, são os grandes best-sellers. Está aí 'O senhor dos anéis', de J.R.R. Tolkien, escrito em 1954, que passou recentemente a venda de 200 milhões de exemplares, um monte de livros capaz de encher uma sala de teatro. 'O código Da Vinci', de Dan Brown, vendeu 86 milhões em 2010. Vamos para os DVDs.

A primeira edição do filme Matrix (1999) custou 65 milhões de dólares e rendeu 456 milhões. A segunda (Matrix reloaded) custou 127 e faturou 740. Foi o único filme, até agora, que arrecadou 100 milhões de dólares num único fim de semana. Só no Brasil 5 milhões de pessoas foram ver o filme. Isso já basta para que tiremos uma simples conclusão: o grande público gosta de ver e de ler histórias montadas sobre o mesmo esquema autoritário. Por meio de um caldo de imagens, filosofias, referências literárias e culturais aparece sempre a mesma ideia: o poder é conquistado por pessoas que se sacrificam inteiramente e que devem ser seguidas.

Permeia essa produção uma nostalgia não confessada do tempo que tudo estava em ordem, numa sociedade organizada, segundo uma ordem clara e simples, enfim, uma sociedade baseada em obediência. A simplificação, o encanto da imagem e a força do som se juntam para expressar o que a maioria das pessoas é e quer ser:

um rebanho de cordeiros que segue o pastor (sempre benevolente e corajoso). A alma generosa e corajosa do pastor domina os 'cordeiros' e as ovelhas, seguindo uma lei que parece provir da própria natureza.

As imagens repetidas, em filmes, livros, revistas e programas de TV, acerca da manipulação oculta do mundo que só pode ser combatida por seres excepcionais, fazem com que as pessoas não percebam que elas mesmas estão sendo manipuladas por forças nada ocultas. Por trás dos best-sellers e dos filmes e programas televisivos de enorme sucesso existe a realidade do mundo em que vivemos. É um mundo onde se pratica a cada momento um ataque ao cérebro emocional das pessoas.

Um ditado americano diz com clareza o que está acontecendo no mundo de hoje: 'enquanto você dorme, eles criam sua realidade'. Quem são eles? Nos Estados Unidos, eles são bem conhecidos e se chamam NBC News; CNN; Fox News Channel; CBS News; ABC News; BBC World News. No Brasil, o nome deles é Globo, a TV Globo (Globo News etc.).

Como é possível ficar sentado durante horas diante da TV e não perceber que a TV Globo tem o Brasil na mão e trabalha dia e noite para nos transformar em cordeirinhos e cordeirinhas, aparentemente inocentes, mas na realidade cruéis e insensíveis, ignorantes do que realmente se passa em nosso redor?

Eduardo Hoornaert

Enviado por e-mail ao editor

A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO NA DOUTRINA DA FÉ

Uma vez, num seminário na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, um juiz perguntou-me o que é que eu pensava sobre a teologia da libertação. Disse-lhe: "Permita que lhe responda com uma pergunta: o que pensa o senhor sobre a teologia da opressão?"

Percebe-se. Se a teologia não for teologia da libertação, não será urgente bani-la, excomungá-la? Mas ele referia-se, evidentemente, a um tipo de teologia que dá por esse nome e que quer trabalhar e pensar a partir e ao serviço dos mais pobres, passando, portanto, de um cristianismo "sacral" a um cristianismo "social", e à qual o cardeal Joseph Ratzinger teve fortes reservas.

Em 1972, foi o livro do teólogo G. Gutiérrez, Teologia da Libertação, que acabou por consagrar o seu nome. Em 1983, Ratzinger enviou à Conferência Episcopal do Peru ob-

servações críticas sobre a teologia de Gutiérrez, acusando-o concretamente de utilizar um método de interpretação marxista, fazer uma leitura parcial dos textos bíblicos e pôr o acento na economia e na política, não acautelando suficientemente a realidade religiosa e transcendente do Reino de Deus. Os bispos do Peru foram chamados a Roma em 1985 e pressionados para que o condenassem. A condenação não aconteceu, pois, como conta o teólogo X. Pikaza, foram vários a dizer que não tinha sentido "obrigá-los" a condenar um irmão crente comprometido com os pobres.

O singular nesta história é o alemão Gerhard L. Müller, que foi catedrático de Teologia na Universidade de Munique, bispo de Ratisbona desde 2002 e que, em substituição do norte-americano William Levada, que abandona o cargo por motivos de idade, acaba de ser nomeado prefeito da Congregação

para a Doutrina da Fé, o organismo responsável pela vigilância da ortodoxia. Müller não esconde a sua amizade com Gutiérrez e, por isso, há quem chegue a pensar que esta nomeação é uma espécie de reparação de J. Ratzinger.

Müller escreveu: "A teologia da libertação está para mim unida ao rosto de Gustavo Gutiérrez." Em 1988, participou num seminário dirigido por ele, e confessa: "Operou-se em mim uma viragem na reflexão académica sobre uma nova concepção teológica dirigida para a experiência com as pessoas para as quais tinha sido desenvolvida essa teologia."

E pergunta: "Como se pode falar de Deus perante o sofrimento humano dos pobres, que não têm sustento para os filhos nem direito a assistência médica nem acesso à educação, excluídos da vida social e cultural, marginalizados e considerados um fardo e uma ameaça

para o estilo de vida de uns poucos ricos?" A teologia de Gutiérrez "é ortodoxa, porque é ortoprática".

Durante 15 anos passou 2 ou 3 meses por ano na América Latina, vivendo em condições muito simples, o que, como confessa, "para um cidadão da Europa central implica um grande esforço". Mas isso marcou-o profundamente e, assim, é inclemente na condenação do capitalismo neoliberal, cuja expressão sem escrúpulos são os vulture funds. "Depois da queda do comunismo, alguns pensaram que se poderia conseguir o paraíso na terra com um capitalismo desenfreado. As forças auto-reguladoras do mercado à escala mundial trariam por si mesmas o bem-estar para todos ou, pelo menos, para a maioria. A realidade é muito diferente. Foi a cobiça de homens concretos que provocou a actual crise financeira mundial, cujas consequências, mais uma vez, os pobres e os

mais pobres dos pobres têm de pagar com a sua vida, a sua saúde, a morte prematura e todas as perspectivas perdidas, previstas por Deus para eles."

Deu recentemente uma entrevista ao Osservatore Romano, onde reafirma que é necessário "distinguir entre uma teologia da libertação equivocada e outra correta", mas "qualquer teologia boa tem que ver com a liberdade e a glória dos filhos de Deus".

A sua chegada ao Vaticano não significa uma revolução - também foi prevenindo contra a "ordenação" das mulheres -, mas pode ser um bom sinal. Quer, com Paulo VI, que o aspecto positivo esteja em primeiro plano na Congregação para a Doutrina da Fé: "Ela deve, sobretudo, promover e tornar compreensível a fé, e este é o factor decisivo."

Anselmo Borges, Coimbra

Fonte: dn.pt

MANTER VIVA A CAUSA DO PT: ALÉM DO "MENSALÃO"

Há um provérbio popular alemão que reza: "você bate no saco mas pensa no animal que carrega o saco". Ele se aplica ao PT com referência ao processo do "Mensalão". Você bate nos acusados mas tem a intenção de bater no PT. A relevância espalhafatosa que o grosso da mídia está dando à questão mostra que o grande interesse não se concentra na condenação dos acusados, mas através de sua condenação, atingir de morte o PT.

De saída quero dizer que nunca fui filiado ao PT. Interesse-me pela causa que ele representa, pois a Igreja da Libertação colaborou na sua formulação e na sua realização nos meios populares. Reconheço com dor que quadros importantes da direção do partido se deixaram morder pela mosca azul do poder e cometeram irregularidades inaceitáveis.

Muitos sentimo-nos decepcionados, pois depositávamos neles a esperança de que seria possível resistir às seduções inerentes ao poder. Tinham a chance de mostrar um exercício ético do poder na medida em que este poder refor-

çaria o poder do povo que assim se faria participativo e democrático.

Lamentavelmente houve a queda. Mas ela nunca é fatal. Quem cai, sempre pode se levantar. Com a queda não caiu a causa que o PT representa: daqueles que vem da grande tribulação histórica sempre mantidos no abandono e na marginalidade. Por políticas sociais consistentes, milhões foram integrados e se fizeram sujeitos ativos. Eles estão inaugurando um novo tempo que obrigará todas as forças sociais a se reformularem e também a mudarem seus hábitos políticos.

Por que muitos resistem e tentam ferir letalmente o PT? Há muitas razões. Ressalto apenas duas decisivas.

A primeira tem a ver com uma questão de classe social. Sabidamente temos elites econômicas e intelectuais das mais atrasadas do mundo, como soia repetir Darcy Ribeiro. Estão mais interessadas em defender privilégios do que garantir direitos para todos. Elas nunca se reconciliaram com o povo. Como escreveu o historio-

ador José Honório Rodrigues (Conciliação e Reforma no Brasil 1965,14) elas "negaram seus direitos, arrasaram sua vida e logo que o viram crescer, lhe negaram, pouco a pouco, a sua aprovação, conspiraram para colocá-lo de novo na periferia, no lugar que continuam achando que lhe pertence".

Ora, o PT e Lula vêm desta periferia. Chegaram democraticamente ao centro do poder. Essas elites tolerariam Lula no Planalto, apenas como serviçal, mas jamais como Presidente. Não conseguem digerir este dado inapagável. Lula Presidente representa uma virada de magnitude histórica. Essas elites perderam. E nada aprenderam. Seu tempo passou. Continuam conspirando, especialmente, através de uma mídia e de seus analistas, amargurados por sucessivas derrotas como se nota nestes dias, a propósito de uma entrevista montada de Veja contra Lula. Estes grupos se propõem apagar o PT do poder e liquidar com seus líderes.

A segunda razão está em seu arraigado conservadorismo. Não querem mudar, nem se ajustar ao

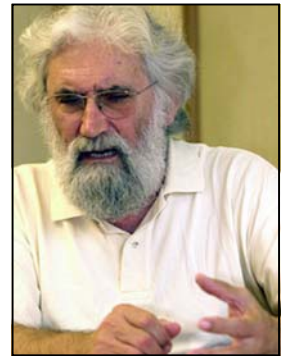
novo tempo. Internalizaram a dialética do senhor e do servo. Saudosistas, preferem se alinhar de forma agregada e subalterna, como servos, ao senhor que hegemoniza a atual fase planetária: os USA e seus aliados, hoje todos em crise de degeneração. Difamaram a coragem de um Presidente que mostrou a autoestima e a autonomia do país, decisivo para o futuro ecológico e econômico do mundo, orgulhoso de seu ensaio civilizatório racialmente ecumênico e pacífico. Querem um Brasil menor do que eles para continuarem a ter vantagens.

Por fim, temos esperança. Segundo Ignace Sachs, o Brasil, na esteira das políticas republicanas inauguradas pelo PT e que devem ser ainda aprofundadas, pode ser a Terra da Boa Esperança, quer dizer, uma pequena antecipação do que poderá ser a Terra revitalizada, baixada da cruz e ressuscitada.

Muitos jovens empresários, com outra cabeça, não se deixam mais iludir pela macroeconomia neoliberal globalizada. Procuram seguir o novo caminho aberto pelo

PT e pelos aliados de causa. Querem produzir autonomamente para o mercado interno, abastecendo os milhões de brasileiros que buscam um consumo necessário, suficiente e responsável e assim poderem viver um desafio com dignidade e decência.

Essa utopia mínima é factível. O PT se esforça por realizá-la. Essa causa não pode ser perdida em razão da férrea resistência de opositores superados porque é sagrada demais pelo tanto de suor e de sangue que custou.



Leonardo Boff

CÉREBRO E A ROTINA

O cérebro humano mede o tempo por meio da observação dos movimentos. Se alguém colocar você dentro de uma sala branca vazia, sem nenhuma mobília, sem portas ou janelas, sem relógio... você começará a perder noção do tempo.

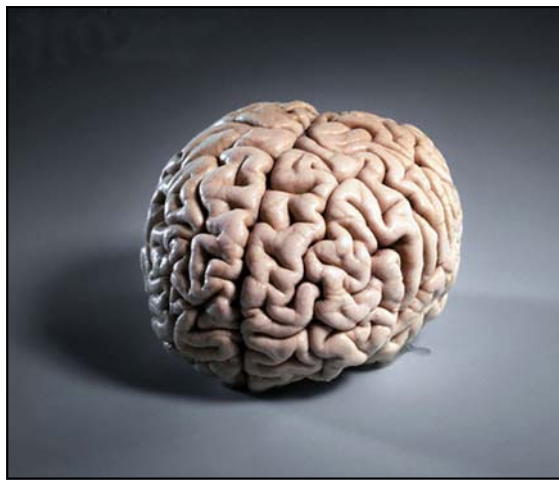
Por alguns dias, sua mente detectará a passagem do tempo sentindo as ações internas do seu corpo, incluindo os batimentos cardíacos, ciclos de sono, fome, sede e pressão sanguínea.

Isso acontece porque nossa noção de passagem do tempo deriva do movimento dos objetos, pessoas, sinais naturais e da repetição de eventos cíclicos, como o nascer e o pôr do sol.

Compreendido este ponto, há outra coisa que você tem que considerar: nosso cérebro é extremamente otimizado. Ele evita fazer duas vezes o mesmo trabalho. Um adulto médio tem entre 40 e 60 mil pensamentos por dia. Qualquer um de nós ficaria louco se o cérebro tivesse que processar conscientemente tal quantidade.

Por isso, a maior parte destes pensamentos é automatizada e não aparece no índice de eventos do dia e, portanto, quando você vive uma experiência pela primeira vez, ele dedica muitos recursos para compreender o que está acontecendo.

É quando você se sente mais vivo. Conforme a mesma experiên-



cia vai se repetindo, ele vai simplesmente colocando suas reações no modo automático e "apagando" as experiências duplicadas.

Se você entendeu estes dois pontos, já vai compreender porque parece que o tempo acelera, quando ficamos mais velhos e porque os Natais chegam cada vez mais rapidamente.

Quando começamos a dirigir automóveis, tudo parece muito complicado, nossa atenção parece ser requisitada ao máximo. Então, um dia dirigimos trocando de marcha, olhando os semáforos, lendo os sinais ou até falando ao celular ao mesmo tempo. Como acontece? Simples: o cérebro já sabe o que

está escrito nas placas (você não lê com os olhos, mas com a imagem anterior, na mente); O cérebro já sabe qual marcha trocar (ele simplesmente pega suas experiências passadas e usa, no lugar de repetir realmente a experiência).

Em outras palavras, você não vivenciou aquela experiência, pelo menos para a mente. Aqueles críticos segundos de troca de marcha, leitura de placa... São apagados de sua noção de passagem do tempo...

Quando você começa a repetir algo exatamente igual, a mente apaga a experiência repetida. Conforme envelhecemos, as coisas começam a se repetir as mesmas ruas, pessoas, problemas, desafios, pro-

gramas de televisão, reclamações... enfim... as experiências novas (aquelas que fazem a mente parar e pensar de verdade, fazendo com que seu dia pareça ter sido longo e cheio de novidades), vão diminuindo.

Até que tanta coisa se repete que fica difícil dizer o que tivemos de novidade na semana, no ano ou, para algumas pessoas, na década. Em outras palavras, o que faz o tempo parecer que acelera é a... rotina. Não me entenda mal. A rotina é essencial para a vida e otimiza muita coisa, mas a maioria das pessoas ama tanto a rotina que, ao longo da vida, seu diário acaba sendo um livro de um só capítulo, repetido todos os anos.

Felizmente há um antídoto

para a aceleração do tempo: M & M (Mude e Marque). Mude, fazendo algo diferente e marque, fazendo um ritual, uma festa ou registros com fotos.

Mude de paisagem, tire férias com a família (sugiro que você tire férias sempre e, preferencialmente, para um lugar quente, um ano, e frio no seguinte) e marque com fotos, cartões postais e cartas.

Tenha filhos (eles destroem a rotina) e sempre faça festas de aniversário para eles, e para você (marcando o evento e diferenciando o dia). Use e abuse dos rituais para tornar momentos especiais diferentes de momentos usuais.

Airton Luiz Mendonça

Fonte: Estado de São Paulo



DOM CASALDÁLIGA NO CINEMA

História de Dom Pedro Casaldáliga chegará às telas dos cinemas sob as bênçãos do lendário bispo que mescla fé, coragem e muita polêmica no Araguaia mato-grossense.

Aos 84 anos, Dom Pedro Casaldáliga continua como fonte de inspiração para muitos políticos e idealistas de esquerda no Brasil.

Foram três anos de trabalhos de campo e pesquisas, mais de oitenta pessoas na produção, e a construção de uma cidade cinematográfica, para que em julho comessem as gravações do filme "Pés descalços sobre a Terra Vermelha", que contará a história de Dom Pedro Casaldáliga, o lendário bispo do Araguaia, em Mato Grosso.

Segundo o jornalista espanhol Paco Escribano, o filme é uma adaptação do livro que escreveu em 1996, com o mesmo título, e que relata os primeiros anos do religioso em São Félix do Araguaia, sua luta contra a Ditadura Militar (1964-1985) e a adesão à Teoria da Libertação, corrente duramente reprimida pelo Vaticano.

Escribano é o homem de confiança de Dom Pedro na produção. Coube a ele convencer o bispo a autorizar o projeto cinematográfico. Casaldáliga resistia à ideia, segundo ele, para evitar a glorificação de uma pessoa, uma vez que sua luta seria comunitária e não individual.

Hoje, Paco diz que Casaldáliga está empolgado com os trabalhos,

principalmente na oportunidade de a juventude conhecer, não a sua história, mas os valores das causas que defende, segundo o jornalista, Dom Pedro o ensinou que "as causas são maiores que a vida, pois são elas que dão sentido a nossa existência".

O filme terá passagens curiosas e dramáticas, lembrará o momento que o Papa, maior liderança católica do mundo, chamou Dom Pedro Casaldáliga para uma reunião pessoalmente em Roma (Itália), para falarem sobre seus posicionamentos em relação a temas políticos e aos processos de expulsão do Brasil, mas também abordará o assassinato do padre João Bosco Penido Burnier, que foi confundido com Casaldáliga e alvejado por disparos da própria polícia, morrendo nos braços do bispo.

O padre Burnier faleceu tragicamente em 12 de outubro de 1976, em Goiânia (GO), depois de ter sido baleado por um policial na tarde de 11 de outubro, em Ribeirão Cascaheira (MT), quando, junto com Dom Pedro Casaldáliga, intercedia em favor de duas mulheres presas que eram torturadas na delegacia.

Um acervo histórico riquíssimo. A expectativa da produção é que os trabalhos sejam finalizados no pri-



meiro semestre de 2013, para isso uma cidade cinematográfica foi montada em São Félix do Araguaia, onde acontecerão mais de 80% das gravações, que passarão também por outras cidades do Araguaia, como Luciara e Confresa, além de cenas realizadas em Barcelona, na Espanha.

O premiado ator espanhol Eduardo Hernandez, que tem no currículo mais de trinta filmes, interpretará Casaldáliga, e assim que chegou à região declarou que este é o papel mais importante da sua carreira, pois se trata de um homem que dedicou sua vida às pessoas: "O filme não é ficção, mas realidade. Estamos contando a história

real de um homem que deixou tudo para se dedicar às suas causas".

Trajetória de lutas > Dom Pedro Casaldáliga tem 84 anos, vive em uma casa simples em São Félix do Araguaia, onde por muitos anos esteve à frente da prelazia na região. Adepto da Teoria da Libertação, enfrentou a Ditadura Militar e o latifúndio, defendendo negros, indígenas, crianças, trabalhadores e mulheres marginalizadas.

Nomeado bispo em 1971 e enviado para a prelazia de São Félix do Araguaia, assumiu a defesa dos índios que estavam sendo expulsos de suas terras por grandes projetos agropecuários financiados

pelo governo, por meio da antiga Sudam. Uma carta aberta que ele lançou em 1971, denunciando os problemas enfrentados pelos trabalhadores rurais, é considerada uma espécie de precursora das denúncias do trabalho escravo que acabaram resultando na PEC do Trabalho Escravo aprovada pelo Congresso Nacional. Ajudou a criar o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e o Conselho Pastoral da Terra (CPT).

Sofreu diversos atentados contra sua vida, além de cinco processos para expulsão do Brasil durante a ditadura e chegou a ser chamado pelo Papa para se explicar pessoalmente quanto à sua atuação religiosa, já com a saúde debilitada renunciou ao cargo de bispo no final dos anos 1990, mas continua influente em toda a região do Araguaia. Autor de seis livros, Casaldáliga continua como fonte de inspiração para muitos políticos e idealistas de esquerda no Brasil. No poema "Confissão do Latifúndio", o religioso revela a tendência que marcaria, para sempre, sua trajetória histórica: a defesa dos excluídos.

Leandro Trindade

Fonte: Portal Revista RDM
www.rdmonline.com.br

OS CRUCIFIXOS NOS ÓRGÃOS PÚBLICOS

O Estado brasileiro é de ras laico, haja vista os preceitos constitucionais que salvaguardam a liberdade de exercício de qualquer religião (Art. 5.º, VI) e que interdita ao poder público criar cultos religiosos e igrejas ou, ainda, patrocinar essas entidades (Art. 19, I).

Reza o preâmbulo da constituição federal: "Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembleia Nacional Constituinte para instituir um Estado democrático (...) promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte Constituição da República Federativa do Brasil" (grifos meus). Em face deste preâmbulo, formalmente constitucional e jurídico, uma vez que é parte integrante da constituição federal, não há que se falar em Estado ateu ou propugnador do laicismo absoluto, mesmo porque a própria Lex legum determina a obrigatoriedade do ensino religioso nas escolas públicas, com frequência facultativa (Art. 210, § 1.º).

A mais relevante consequência jurídico-moral da inserção do nome de Deus na constituição é a seguinte: se o poder constituinte originá-



rio desenvolveu todas as atividades tendentes à elaboração da carta magna sob a proteção de Deus, logo, o poder constituinte derivado deve agir igualmente sob a proteção de Deus, ao menos em termos de congruência de princípios. Desta feita, um deputado, ao preparar um anteprojeto de lei, atua, constitucionalmente falando, sob a proteção de Deus; o mesmo fenômeno constitucional-divino-protetor, digamos assim, ocorre com um prefeito que expede um decreto ou com um juiz que prola uma sentença.

O crucifixo, participio passiva do irregular de crucificar (a forma regular é "crucificado"), num primeiro súbito de vista, representa,

sem dúvida, a religião cristã, principalmente o catolicismo. A fim de afixar um crucifixo na parede de uma repartição pública, não é juridicamente válido o argumento de que a maioria dos brasileiros é católica e de que a esmagadora maioria é cristã, porquanto o Brasil é um Estado laico, ou seja, não tem religião oficial, diferentemente do que sói ocorrer, por exemplo, na Inglaterra, onde o anglicanismo é a religião oficial, ou na Alemanha, onde o luteranismo é o credo constitucional, ou em Israel, onde o judaísmo é a religião do Estado. Sem embargo, consoante observamos acima, o poder constituinte derivado é exercido também sob

a proteção de Deus.

Note-se que a constituição abrogada de 1967 pressupunha a "invocação" de Deus. Os constituintes da carta política de 1988, ora em vigor, foram mais longe e deram por certa a presença efetiva do Altíssimo, que os protegeu ao longo dos trabalhos de feitura da lei maior do país. A aludida proteção é de ordem metafísica ou sobrenatural, porém, pode ser simbolizada pelo crucifixo, um elemento cultural da tradição brasileira, que anela exprimir a presença divina em determinado ambiente, tirante qualquer corrente religiosa específica.

O crucifixo num lugar público, como aquele instalado no plenário do Supremo Tribunal Federal, não corresponde apenas pura e simplesmente a uma imagem do cristianismo, mas quer demonstrar, segundo o modo peculiar da cultura de nosso país, em coerência com a ideia dos constituintes (mens legislatoris), que Deus protege os membros daquele celso sodalício no mister típico deles, isto é, nos julgamentos. Com efeito, o crucifixo ganha foros suprarreligiosos ou supraconcessionais; é empregado tão somen-

te em virtude de ser o meio mais corriqueiro e hábil, nos meandros da tradição brasileira, para realçar a proteção divina. Pergunto: qual seria, entre nós, um outro símbolo apto a materializar o preâmbulo da constituição da república?

Nada democráticos, em minha opinião, os comportamentos de certos agentes políticos, como os do poder judiciário do Rio Grande do Sul, ordenando a retirada dos crucifixos dos organismos judiciais daquele estado. Repito: os crucifixos nas paredes de repartições públicas são, antes de tudo, na nossa cultura, o sinal mais compreensível e evidente da proteção de Deus, sob a qual obrou o poder constituinte originário e há de ser dia a dia exercitado o poder constituinte derivado.

Edson Sampel

Edson Luiz Sampel é Doutor em Direito Canônico pela Pontifícia Universidade Lateranense, do Vaticano. Professor do Instituto Teológico Pio XI (Unisal) e da Escola Dominicana de Teologia (EDT). Membro da Sociedade Brasileira de Canonistas (SBC).

ZENT.org

FRACASSO DO NEOCONSERVADORISMO CATÓLICO BRASILEIRO

Os dados do último censo demográfico revelaram uma queda no número de católicos no Brasil. Segundo as estimativas a percentagem caiu de 83,34% para 67,84% nos últimos 20 anos. A questão foi discutida na última assembleia geral da CNBB, em abril deste ano, em Aparecida (SP). Alguns bispos ficaram horrorizados com a notícia. Outros tentaram minimizar os dados, achando que se tratava de "intriga da oposição". Outros, talvez mais realistas, não se assustaram com os dados do IBGE.

O certo é que não seria necessário esperar estes dados oficiais para nos darmos conta deste fenômeno. Qualquer católico sério, antenado com a realidade, sabe muito bem que sua Igreja perde cada vez mais fiéis. Basta dar uma olhada nas missas, nos grupos, nos movimentos, nas pastorais, para perceber com clareza esta situação. É verdade que alguns templos ainda ficam repletos aos domingos e que alguns padres cantores reúnem milhares de pessoas em seus espetáculos religiosos. Alguns se iludem com isso e pensam piamente que a Igreja Católica ainda é uma força hegemônica. Mas este público é insignificante diante da percentagem de católicos, de modo que se pode afirmar, sem medo de errar, que o número de praticantes é bem inferior aos dados fornecidos pelo IBGE. Se formos fazer a conta na ponta do lápis é possível dizer que os católicos praticantes não superam os dez por cento. Se depois pensarmos na juventude participativa este número deve cair

para menos de um por cento.

Porém, o mais interessante nesta história é que a diminuição dos católicos no Brasil coincide com o dismantelo da Igreja da libertação e com a implantação de um regime católico neoconservador. Os católicos vão diminuindo no Brasil na medida em que as comunidades eclesiais de base vão sendo sistematicamente abolidas e substituídas pelos movimentos neopentecostais católicos. O número de católicos começa a cair a partir do momento em que são nomeados bispos mais conservadores, os quais são orientados a sistematicamente destruir todo e qualquer vestígio de Igreja da libertação. Foi o que aconteceu, por exemplo, em Recife, por ocasião da substituição de Dom Helder Câmara.

A diminuição de católicos coincide com a chegada ao Brasil das redes católicas de televisão e seus programas de apologia ao conservadorismo. Os católicos diminuem enquanto aumenta o número de padres cantores, de padres na mídia e de seminaristas midiáticos, todos eles plugados vinte e quatro horas na internet para "evangelizar" através de meios moderníssimos e velozes. Os católicos diminuem na medida em que na Igreja aparecem e se multiplicam comunidades exóticas com seus trajes medievais e seus costumes estranhos e maniqueístas. A diminuição de católicos não para, apesar de todo o esforço para massacrar a teologia da libertação, punir teólogas e teólogos brasileiros, vestir cle-



ricamente os padres, romanizar as liturgias e tirar do velho baú católico coisas ultrapassadas, arcaicas e mofas.

Alguma coisa deu errada. No final dos anos 1970, quando, com o pontificado de João Paulo II, o neoconservadorismo começa a aparecer, dizia-se que a Igreja da libertação tinha que ser banida porque colocaria em risco o futuro da Igreja Católica no continente latino-americano. Acabaram com tudo aquilo que poderia cheirar a libertação, mas, mesmo com a implantação da neocrisandade, o catolicismo murchou. O projeto neoconservador falhou e, com a chegada dele, acelerou-se o encolhimento do catolicismo brasileiro. O tiro parece ter saído pela culatra.

Penso que está na hora da Igreja no Brasil fazer uma séria reflexão. Suas lideranças precisam ser honestas com elas mesmas, admitindo que falharam, acelerando, com seus métodos, o de-

créscimo dos católicos brasileiros. Elas que tinham tanto medo da teologia da libertação, que a demonizaram e combateram, agora amargam o resultado de suas intervenções. Elas, e não a Igreja da libertação, provocaram a crise do catolicismo brasileiro.

Eu não estou preocupado com o crescimento dos evangélicos. Embora esteja convencido de que muitas igrejinhas evangélicas não possuem nenhuma ossatura de seriedade, penso que Deus tem os seus caminhos. Inclusive ele pode tirar o seu Reino de uma igreja, que se pretende dona dele, para entregá-lo a outra. E se ele entender que o entregará a algum seguimento evangélico, não há quem possa impedi-lo.

O que desejo destacar nesta breve reflexão é o falimento de um modelo de Igreja que foi implantado em nosso país nos últimos anos. Perdeu-se a oportunidade de dar vida a um jeito de ser Igreja,

bem mais próximo do Evangelho e da realidade do povo brasileiro.

Disso não se pode fugir sem trair a verdade. É preciso que as lideranças admitam isso, se quiserem reverter um pouco a situação atual. Se insistirem em manter o atual sistema eclesial, nosso destino será ainda pior do que aquele da velha Europa: uma Igreja infantil, feminil e senil, empoeirada, sem juventude, sem perspectivas, sem vida.

Não faltaram os "sinais dos tempos", mas boa parte dos dirigentes da Igreja Católica preferiu "não interpretar o tempo presente" (Lc 12,56). Teria sido suficiente, por exemplo, levar a sério quanto disse Paulo VI na exortação apostólica Evangelii nuntiandi. Neste documento, elaborado a partir das indicações do Sínodo dos Bispos de 1974 sobre a evangelização no mundo contemporâneo, o papa, como que profeticamente, previa uma série de vias evangelizadoras bem condizentes e necessárias à Igreja de então. Mas, pelo visto, o projeto evangelizador neoconservador que veio em seguida não deu a mínima atenção ao que o pontífice havia indicado.

José Lisboa Moreira de Oliveira
Filósofo. Doutor em teologia. Ex-assessor do Setor Vocações e Ministérios/CNBB. Ex-Presidente do Inst. de Past. Vocacional. É gestor e professor do Centro de Reflexão sobre Ética e Antropologia da Religião (CREAR) da Universidade Católica de Brasília.
Fonte: adital.com.br

IDOSA FELIZ

Eu nunca trocaria meus amigos surpreendentes, minha vida maravilhosa, minha amada família por menos cabelo branco ou uma barriga mais lisa. Enquanto fui envelhecendo, tornei-me mais amável para mim, e menos crítica de mim mesmo. Eu me tornei minha própria amiga.

Eu não me censuro por comer biscoito extra, ou por não fazer a minha cama, ou para a compra de algo bobo que eu não precisava, como uma escultura de cimento, mas que parece tão "avant garde" no meu pátio. Eu tenho direito de ser desarrumada, de ser extravagante.

Vi muitos amigos queridos deixarem este mundo cedo demais, antes de compreenderem a grande liberdade que vem com o envelhecimento. Quem vai me censurar se re-



solver ficar lendo ou jogar no computador até as quatro horas e dormir até meio-dia? Eu Dançarei ao som daqueles sucessos maravilhosos dos anos 60 & 70, e se eu, ao mesmo tempo, desejo chorar por um amor perdido... Eu vou.

Vou andar na praia em um maiô excessivamente esticado sobre um corpo decadente, e mergulhar nas ondas com abandono, se eu quiser, apesar dos olhares penalizados dos outros no jet set.

Eles, também, vão envelhecer.

Eu sei que eu sou às vezes esquecida. Mas há mais, algumas coisas na vida que devem ser esquecidas. Eu me recordo das coisas importantes.

Claro, ao longo dos anos meu coração foi quebrado. Como não pode quebrar seu coração quando você perde um ente querido, ou quando uma criança sofre, ou mesmo quando algum amado animal de estimação é atropelado por um carro? Mas corações partidos são os que nos dão força, compreensão e compaixão. Um coração que nunca sofreu é imaculado e estéril e nunca conhecerá a alegria de ser imperfeito.

Eu sou tão abençoada por ter vivido o suficiente para ter meus cabelos grisalhos, e ter os risos da juventude gravados para sempre em

sulcos profundos em meu rosto.

Muitos nunca riram, muitos morreram antes de seus cabelos virarem prata.

Conforme você envelhece, é mais fácil ser positivo. Você se preocupa menos com o que os outros pensam. Eu não me questiono mais.

Eu ganhei o direito de estar errado. Assim, para responder sua pergunta, eu gosto de ser idosa.

A idade me libertou. Eu gosto da pessoa que me tornei. Eu não vou viver para sempre, mas enquanto eu ainda estou aqui, eu não vou perder tempo lamentando o que poderia ter sido, ou me preocupar com o que será. E eu vou comer sobre-mesa todos os dias (se me apetecer).

Que nossa amizade nunca se separe porque é direto do coração!

Autora desconhecida



A IGREJA TEM SALVAÇÃO?

Esta pergunta vem formulada por um dos mais renomados e fecundos teólogos da área do catolicismo: o suíço-alemão Hans Küng num livro recém lançado no Brasil: *A Igreja tem salvação?* (Paulus 2012). De forma entusiasta fomentou a renovação da Igreja junto com seu colega da Universidade de Tübingen, Joseph Ratzinger. Escreveu vasta obra sobre a Igreja, o ecumenismo, as religiões, a ética mundial e outros temas relevantes. Devido a seu livro que questionava a infalibilidade papal foi duramente punido pela ex-Inquisição. Não abandonou a Igreja; mas, como poucos, se empenhou em sua reforma com livros, cartas abertas e conclamações aos bispos e à comunidade cristã mundial para que se abrissem ao diálogo com o mundo moderno e com a nova situação planetária da humanidade.

Não se evangelizam pessoas, filhos e filhas de nosso tempo, apresentando um modelo medieval de Igreja, feito bastião de conservadorismo, de autoritarismo e de antifeminismo e sentindo-se uma fortaleza assediada pela modernidade, tida como a responsável por todo tipo de relativismo. Diga-se de passagem que a crítica feroz que o atual Papa move contra o relati-



vismo é feita a partir de seu pólo oposto, o de um invencível absolutismo. Pois esta sendo a tônica imposta pelos últimos dois Papas, João Paulo II e Bento XVI: um não às reformas e uma volta à tradição e à grande disciplina, orquestradas pela hierarquia eclesial.

O livro de Küng *A Igreja tem salvação?* expressa um grito quase desesperado por transformações e, ao mesmo tempo, uma manifestação generosa de esperança de que estas são possíveis e necessárias, caso ela não queira entrar num lamentável colapso institucional.

Fique claro, de saída, que quando Küng e eu mesmo, falamos de Igreja, entendemos, em primeiro lugar, a comunidade daqueles que se permitem um envolvimento com a figura e a causa de Jesus. O foco,

então, reside no amor incondicional, na centralidade dos pobres e invisíveis, na irmandade de todos os seres humanos e na revelação de que somos filhos e filhas de Deus, Jesus mesmo deixando entrever que era o próprio Filho de Deus que assumiu a nossa contradição humana. Este é o sentido originário e teológico de Igreja. Mas, historicamente, a palavra Igreja foi apropriada pela hierarquia (do Papa aos padres). Ela se identifica com a Igreja tout court e se apresenta como a Igreja.

Ora, o que está em profunda crise é esta segunda compreensão de Igreja que Küng chama de "sistema romano" ou a Igreja-instituição hierárquica ou a estrutura monárquico-absolutista de comando. Sua sede se encontra no Vaticano e se concentra na figura do Papa

com o aparato que o cerca: a Cúria Romana. Há séculos que esta crise se prolonga e o clamor por mudanças atravessa a história da Igreja, culminando com a Reforma no século XVI e com o Concílio Vaticano II (1962-1965) de nossos dias. Em termos estruturais, há que se reconhecer, as reformas sempre foram superficiais ou proteladas ou simplesmente abortadas.

Nos últimos tempos, entretanto, a crise ganhou uma gravidade toda especial. A Igreja-instituição (Papa, cardeais, bispos e padres), repito, não a grande comunidade dos fiéis, foi atingida em seu coração, naquilo que era a sua grande pretensão: a de ser a "guia e mestra da moral" para toda a humanidade. Alguns dados já conhecidos puseram em xeque tal pretensão e colocaram a Igreja-instituição em descrédito.

Os escândalos financeiros envolvendo o Banco do Vaticano (IOR) que se transformou numa espécie de off-shore de lavagem de dinheiro; documentos secretos, subtraídos das mais altas autoridades eclesialísticas, quem sabe até da mesa do Papa por seu próprio secretário e vendidos aos jornais, dando conta das intrigas por poder entre cardeais; e especialmen-

te a questão dos padres pedófilos: milhares de casos em vários países, envolvendo padres, bispos e até o Cardeal pedófilo de Viena Hans Hermann Groër. Gravíssima foi a instrução de 18 de maio de 2001 enviada pelo então Cardeal Ratzinger a todos os bispos do mundo, para acobertarem, sob sigilo pontifício, os abusos sexuais a menores pelos padres pedófilos, a fim de que não fossem denunciados às autoridades civis. Um Magistrado de Oregon, USA, tentou convocar o Cardeal a um tribunal. Finalmente o Papa teve que reconhecer o caráter criminoso da pedofilia e aceitar seu julgamento pelos tribunais civis.

Küng mostra, com erudição histórica irrefutável, os vários passos dos papas para passarem de sucessores do pescador Pedro, a vigários de Cristo e a representantes de Deus. Os títulos que o cânon 331 confere ao Papa são de tal abrangência que cabem, na verdade, somente a Deus. Uma monarquia papal absoluta com o báculo dourado não se combina com o cajado de pau do bom Pastor que com amor cuida das ovelhas e as confirma na fé como pediu o Mestre (Lc 22,32).

Leonardo Boff
Adital 09/09/2012

O PAPA E A UTILIDADE DO MARXISMO

Aceitar que o marxismo conforme a ótica de Ratzinger é o mesmo marxismo conforme a ótica de Marx seria como identificar catolicismo com Inquisição.

O papa Bento XVI tem razão: o marxismo não é mais útil. Sim, o marxismo conforme muitos na Igreja Católica o entendem: uma ideologia ateísta, que justificou os crimes de Stalin e as barbaridades da Revolução Cultural chinesa. Aceitar que o marxismo conforme a ótica de Ratzinger é o mesmo marxismo conforme a ótica de Marx seria como identificar catolicismo com Inquisição.

Poder-se-ia dizer hoje: o catolicismo não é mais útil. Porque já não se justifica enviar mulheres tidas como bruxas à fogueira nem torturar suspeitos de heresia. Ora, felizmente o catolicismo não pode ser identificado com a Inquisição, nem com a pedofilia de padres e bispos.

Do mesmo modo, o marxismo não se confunde com os marxistas que o utilizaram para disseminar o medo, o terror, e sufocar a liberdade religiosa. Há que voltar a Marx para saber o que é marxismo; assim como há que retornar aos Evangelhos e a Je-

sus para saber o que é cristianismo, e a Francisco de Assis para saber o que é catolicismo.

Ao longo da história, em nome das mais belas palavras foram cometidos os mais horrendos crimes. Em nome da democracia, os EUA se apoderaram de Porto Rico e da base cubana de Guantánamo. Em nome do progresso, países da Europa Ocidental colonizaram povos africanos e deixaram ali um rastro de miséria. Em nome da liberdade, a rainha Vitória, do Reino Unido, promoveu na China a devastadora Guerra do Ópio. Em nome da paz, a Casa Branca cometeu o mais ousado e genocida ato terrorista de toda a história: as bombas atômicas sobre as populações de Hiroshima e Nagasaki. Em nome da liberdade, os EUA implantaram, em quase toda a América Latina, ditaduras sanguinárias ao longo de três décadas (1960-1980).

O marxismo é um método de análise da realidade. E mais do que nunca útil para se compreender a atual crise do capitalismo. O capitalismo, sim, já não é útil, pois promoveu a mais acentuada desigualdade social entre a população do mundo; apoderou-se de riquezas naturais de outros povos; desenvolveu sua face imperialista e mo-



nopolista; centrou o equilíbrio do mundo em arsenais nucleares; e disseminou a ideologia neoliberal, que reduz o ser humano a mero consumista submisso aos encantos da mercadoria.

Hoje, o capitalismo é hegemônico no mundo. E de 7 bilhões de pessoas que habitam o planeta, 4 bilhões vivem abaixo da linha da pobreza, e 1,2 bilhão padecem fome crônica. O capitalismo fracassou para 2/3 da humanidade que não têm acesso a uma vida digna. Onde o cristianismo e o marxismo falam em solidariedade, o capitalismo introduziu a competição; onde falam em cooperação, ele introduziu a concorrência; onde falam em respeito à soberania dos povos, ele introduziu a globocolonização.

A religião não é um método de análise da realidade. O marxismo

não é uma religião. A luz que a fé projeta sobre a realidade é, queira ou não o Vaticano, sempre mediada por uma ideologia. A ideologia neoliberal, que identifica capitalismo e democracia, hoje impera na consciência de muitos cristãos e os impede de perceber que o capitalismo é intrinsecamente perverso. A Igreja Católica, muitas vezes, é conivente com o capitalismo porque este a cobre de privilégios e lhe franqueia uma liberdade que é negada, pela pobreza, a milhões de seres humanos.

Ora, já está provado que o capitalismo não assegura um futuro digno para a humanidade. Bento XVI o admitiu ao afirmar que devemos buscar novos modelos. O marxismo, ao analisar as contradições e insuficiências do capitalismo, nos abre uma porta de esperança a uma sociedade que os católicos, na celebração eucarística, caracterizam como o mundo em que todos haverão de "partilhar os bens da Terra e os frutos do trabalho humano". A isso Marx chamou de socialismo.

O arcebispo católico de Munique, Reinhard Marx, lançou, em 2011, um livro intitulado *O Capital - um legado a favor da humanida-*

de. A capa contém as mesmas cores e fontes gráficas da primeira edição de *O Capital*, de Karl Marx, publicada em Hamburgo, em 1867.

"Marx não está morto e é preciso levá-lo a sério", disse o prelado por ocasião do lançamento da obra. (...)

O autor, hoje cardeal, qualifica de "sociais-éticos" os princípios defendidos em seu livro, critica o capitalismo neoliberal, qualifica a especulação de "selvagem" e "pecado", e advoga que a economia precisa ser redesenhada segundo normas éticas de uma nova ordem econômica e política.

"As regras do jogo devem ter qualidade ética. Nesse sentido, a doutrina social da Igreja é crítica frente ao capitalismo", afirma o arcebispo.

O livro se inicia com uma carta de Reinhard Marx a Karl Marx, a quem chama de "querido homônimo", falecido em 1883. Roga-lhe reconhecer agora seu equívoco quanto à inexistência de Deus. O que sugere, nas entrelinhas, que o autor do Manifesto Comunista se encontra entre os que, do outro lado da vida, desfrutam da visão beatífica de Deus.

Frei Betto
Fonte: brasildéfato.com.br

FALECIMENTOS

João Basílio Schmitt



Dia 26/08/2012 faleceu em Brasília, aos 82 anos, João Basílio Schmitt, amplamente conhecido pelos padres casados de todos os cantos do Brasil pelo trabalho que fez no MFPC e na Associação Rumos. Com sua esposa Vera, foi um dos fundadores do Movimento.

Iniciou a publicação do Jornal Rumos, em 1981, inicialmente rodado no mimeógrafo. Possuía uma coleção completa do jornal, que será doado ao MFPC pela viúva Vera e Felisberto de Almeida, seu companheiro de trabalhos e primeiro presidente da Associação Rumos.

Felisberto comunica que a Editora Ser e o jornal Linha de Frente encerram suas atividades.

Benedito Pereira Frades

Dia 29 de agosto, em Salvador - BA, com 85 anos. Nasceu, viveu e trabalhou no sertão baiano.

Era um padre de grande fé e piedade. Era casado com Ivone, com filha Ana.

Cardeal Carlo Martini



Dia 31.08.2012, aos 85 anos, faleceu Carlo Martini, ex-arcebispo de Milão.

Eminente intelectual e especialista da Bíblia, que durante anos foi apontado como um dos nomes fortes para ser eleito Papa e suceder a João Paulo II.

Defendia uma Igreja mais compreensiva e aberta ao mundo. Autor de dezenas de livros.

IGREJA EM DIÁLOGO: A NECESSIDADE DE UMA "SACUDIDA"

Uma boa parte dos pastores se empenha pela abertura ao mundo de hoje. Isso é muito importante em uma situação de previsões pessimistas, já que não são poucos na Igreja que têm uma ardente nostalgia pelo "pequeno e dócil rebanho".

Eis o texto.

A Igreja Católica deve sair da crise. Isso só pode acontecer com uma nova cultura de diálogo entre o "alto" e o "baixo". Por isso, Robert Zollitsch, arcebispo de Friburgo e presidente da Conferência dos Bispos da Alemanha, como especialista comunicador e líder eclesialístico, deu início a um processo de diálogo. Isso aconteceu em pleno desastre de 2011, quando a reputação e a credibilidade da Igreja Católica estavam em seus mínimos históricos, depois da descoberta de diversos abusos sexuais de crianças por parte de padres, ocultados por anos pelas autoridades eclesialísticas.

O que fazer? Em Hanover, encontraram-se 16 bispos diocesanos e 17 bispos auxiliares com cerca de 300 delegados da Alemanha católica. Os delegados, em sua maioria homens de idade madura, muitos deles empregados de associações (incluindo algumas mulheres) já viveram conflitos eclesialísticos e superaram crises.

Esses delegados aplaudem surpresos e felizes quando o bispo Franz Josef Overbeck, se acompanha o processo de diálogo como representante dos pastores conservadores, no seu discurso de abertura, se expressa a favor da "necessária multiplicidade das condições de vida" na Igreja e na sociedade. Overbeck se concentra sobre a coabitação de pessoas do mesmo sexo e fala com respeito sobre gays e lésbicas. Diz que eles são bem-

vindos na Igreja.

Sobre as uniões homossexuais, ele diz: "Embora a Igreja não possa reconhecer essa forma de vida como instituição, a Igreja proíbe qualquer difamação e rejeição de pessoas com predisposição homossexual".

Para dar fundamentação a essa posição aberta, Overbeck cita as passagens do catecismo católico que proíbem toda discriminação de gays e lésbicas.

Esses são novos tons. O que um bispo de província poderia dizer de mais acolhedor? A doutrina restritiva é formulada no Vaticano. Com relação a isso, Dom Overbeck não pode fazer nada. Mas nas rédeas da doutrina romana, ele enfatiza o traço mais aberto e mais humano. Uma técnica de diálogo usada também pelo novo cardeal de Berlim, Rainer Maria Woelki.

Franz-Joseph Bode, bispo de Osnabrück, um dos mais abertos entre os pastores, recebe um aplauso espontâneo pela sua posição sobre a questão mais urgente na Igreja, isto é, o modo de se posicionar com relação aos divorciados em segunda união. Bode defende que a Igreja deve buscar uma maior proximidade com as pessoas, mesmo com aquelas que não necessariamente correspondem às normas da Igreja: "A exclusão geral e duradoura dos divorciados em segunda união dos sacra-

mentos parece ser a muitos dentro da Igreja uma conclusão intolerável". Depois dos aplausos, Bode acrescenta: "Precisamos de uma nova discussão, diferenciada e aprofundada, sobre a doutrina sexual da Igreja".

Cento e quarenta e quatro delegados comentam - em sua maior parte, aprovando - a intervenção de Bode, por meio dos iPads postos sobre as suas mesas, em número de oito. Overbeck também recebeu muita aprovação após o seu discurso em 132 comentários.

Por fim, o cardeal de Muníque, Reinhard Marx, salienta que o compromisso social e político pertence "irrenunciavelmente às características fundamentais da Igreja" e é "algo essencial, não menos importante do que a celebração da missa e do anúncio da fé". Essa é uma afirmação forte contra aqueles católicos tradicionalistas que querem se retirar ao chamado "núcleo fundamental" e pavidamente dizer adeus ao mundo, apoiados por uma interpretação incompleta do discurso da Entweltlichung (desmundanização) do Papa Bento XVI em setembro de 2011, em Friburgo.

O que vai acontecer depois de Hanover? Cerca da metade dos bispos diocesanos não participou - assim como no encontro de início, em Mannheim, na metade do ano passado. Os conservadores e os desconfiados continuam distantes.

O processo de diálogo deveria, portanto, aprofundar os conflitos dentro da Conferência Episcopal.

No entanto, metade dos pastores se empenha pela abertura ao mundo de hoje. Isso é muito importante em uma situação de previsões pessimistas, já que não são poucos na Igreja que têm uma ardente nostalgia pelo "pequeno e dócil rebanho".

Com razão as mulheres e os homens que representam o povo de Deus estão impacientes. Em Hanover, assim como no ano passado em Mannheim, eles ouviram dos bispos palavras que soam positivamente. Mas não podemos nos limitar às palavras. Em particular para as centenas de milhares de divorciados em segunda união, é preciso uma sacudida - senão em toda a Igreja católica alemã, ao menos nas dioceses mais abertas. Os bispos prometeram se ocupar intensamente disso. Também querem organizar em 2012 uma jornada de estudos sobre a questão da mulher na Igreja.

Até este ponto, a reunião dos católicos em Hanover envia um claro sinal de vida. No entanto, não se sabe se se chegará à necessária sacudida, se crescerá a coragem para chegar a isso

Thomas Seiterich, historiador e sociólogo
Tradução de Moisés Sbardelotto.

Fonte: ihu.unisinos.br



CONQUISTEM 2 ASSINANTES

IMPORTANTE, COLEGAS LEITORES: ADIRETORIADO MFPC DESEJA DUPLICAR O NÚMERO DE ASSINANTES DO JORNAL RUMOS IMPRESSO.

POR ISSO ESPERAMOS QUE VOCÊS CONQUISTEM 2 (DOIS) OU MAIS.

SERÁ UM PRESENTE PARA QUEM ASSINAR (SÓ 35,00) E PARA O MFPC, QUE ENTÃO PODERÁ CONTINUAR COM O JORNAL.

DESDE JÁ NOSSO MUITO OBRIGADO PELA COLABORAÇÃO!!!

EM NOME DA DIRETORIA
GILBERTO LUIZ GONZAGA

GUIA DAS RELIGIÕES PARA USO DOS NÃO CRENTES

Imagino Deus com alguém que está presente, que olha por ti, que conhece a tua mente melhor do que tu próprio. Alguém com quem se partilha problemas, que cria momentos especiais de intensidade, e a sensação de um contacto direto com momentos de revelação. Imagino que quem acredita tenha essa capacidade para admitir que está perdido e tem esperança de que Deus o vai

ajudar a encontrar o caminho. Tem a capacidade para admitir tudo, de ser muito honesto com Deus - porque Deus vai perdoar, porque Deus é amor e por isso nunca se está sozinho. Imagino que isso saiba muito bem.

Simplesmente não me parece plausível." Esta resposta de Alain de Botton à pergunta do Público: "Como é que imagina Deus?"

Alain de Botton, que diz não ter sensibilidade para a fé em Deus, pensa que os ateus têm muito a aprender com as religiões em problemas fundamentais. No seu livro, que já aqui apresentei, *Religião para Ateus*. Um guia para não crentes sobre as utilizações da religião, escreve: "A essência da tese apresentada aqui é que muitos dos problemas da alma moderna podem ser

resolvidos graças a soluções propostas pelas religiões", cuja sabedoria "pertence a toda a humanidade, mesmo às pessoas mais racionais, e merece ser seletivamente absorvida pelos maiores inimigos do sobrenatural. As religiões são por vezes demasiado úteis, demasiado eficazes e intelligen-

tes para serem entregues apenas aos crentes". "Deus talvez esteja morto", mas os problemas que levaram até ele continuam aí e o ateísmo não pode esquecer as respostas das religiões, que continuam pertinentes.

Tenho aqui sublinhado a necessidade que os crentes têm de ouvir os ateus, pois, pelo fato de se encontrarem fora, estão mais capacitados para se aperceberem da desumanidade, intolerância e superstição que se apoderaram tantas vezes das religiões. Mas, agora, é um ateu que reconhece as

vantagens e benefícios das religiões, a ponto de, ao contrário do que faz R. Dawkins, não pretender converter as pessoas religiosas ao ateísmo. Parece-lhe cruel e uma loucura "convencer alguém a deixar de acreditar em Deus", confessou também ao Público.

Ninguém sabe se Deus existe ou não. Volto sempre ao filósofo ateu André Comte-Sponville, que escreve que é tão imbecil alguém dizer que "sabe" que Deus existe como outro dizer que "sabe" que Deus não existe. De fato, Deus não é objeto de saber, mas de fé, e o crenete tem razões e o não crenete também tem razões. As religiões, sendo humanas, trazem consigo uma enorme herança de oportunismo, violência e miséria moral, mas são igualmente fonte de dignidade, verdade, imensa generosidade.

Para A. de Botton, um dos aspectos mais dramáticos do nosso tempo é a solidão, que as religiões superam mediante a vivência comunitária, onde conhecidos

e desconhecidos se reconhecem como amigos.

As religiões conhecem bem as fragilidades humanas - a angústia, as tentações de injustiça, a maldade, a paralisia dos remorsos pela incapacidade de atingir níveis decentes de integridade - e sabe lidar com elas. Para lá do saber, interessam-se pela sabedoria: qual a finalidade do meu trabalho?, como devo amar?, como posso ser virtuoso?, como viver com arte?, qual o sentido da existência?

Questão essencial é a do ensino. Os espaços cimeiros do saber não apresentam o gênero de assistência dada pelas religiões, porque há "a convicção de que a Universidade se deve abster de toda a associação entre as obras culturais e as preocupações do indivíduo". No entanto, as necessidades íntimas permanecem e seria necessário haver cursos sobre como estar só, o trabalho, as relações com os filhos, o contacto com a natureza, o confronto com a doença e a morte. Pede-se "uma Faculdade das relações humanas, um Instituto sobre a morte, um Centro do conhecimento de si".

Adultos, continuamos com uma parte de infância em nós e "o culto mariano ousa sugerir a todos os ateus que também eles continuam vulneráveis e pré-racionais no seu coração".

E a arte? O cristianismo sabe para que serve: "Um meio de nos lembrar o que conta." O silêncio, a contemplação, a virtude, a transcendência.

ANSELMO BORGES
www.dn.pt/

NOSSO MOVIMENTO POR TODO O MUNDO

São numerosas as nações do mundo nas quais se estendeu o movimento de padres casados. Congratulamo-nos com isso.

Há casos de companheiros que, desinteressados durante alguns lustros por um sacerdócio, voltaram a acender em sua alma as brasas do dom recebido pela imposição das mãos. Agora vivem num novo fervor espiritual e apostólico.

35 anos já que ASCE (Associação dos Sacerdotes Casados da Espanha) iniciou sua andada. Damos graças ao Senhor porque nossa

união serviu para nos mantermos unidos num mesmo espírito cristão e sacerdotal.

Éramos inicialmente os únicos (junto com nossos companheiros franceses).

Hoje somos mais de 40 nações unidas à Federação Internacional de Sacerdotes Católicos Casados.

Nosso movimento também acolhe religiosos e religiosas, porque embora não

tenham recebido o sacramento da Ordem, houve uma mesma entrega ao Senhor à qual renunciamos, mudando o rumo de nossa vida.

Recomendo minha página web: <http://personales.jet.es/mistica>.

"Cada dia somos mais e seremos mais".

Quo vadis - 11.08.2012
Arquivado em *Secularizados de ambos os sexos*.

QUO
VADIS

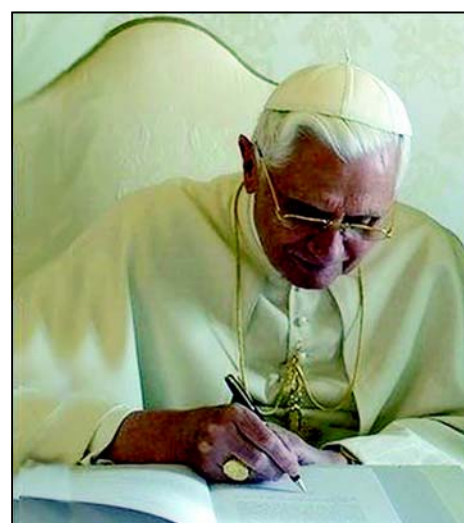
LIVRO SOBRE A FAMÍLIA DE JESUS

"O Santo Padre concluiu seu terceiro volume, um manuscrito dedicado a Jesus de Nazaré. É um grande presente no Ano da Fé. Depois, talvez, haja também uma encíclica".

Este é o anúncio dado pelo cardeal secretário de Estado, Tarcísio Bertone, no dia primeiro de agosto, após uma missa celebrada no Vale de Aosta, onde está de férias. "Leremos este terceiro volume - acrescentou - com avidez e com grande prazer".

A autorização antecipada, do mais estreito colaborador de Bento XVI, foi confirmada oficialmente, ao menos em parte, um dia depois, com um comunicado da assessoria de imprensa da Santa Sé:

"O Santo Padre Bento XVI concluiu nestes dias a redação do terceiro volume da obra "Jesus de Nazaré", dedicado à infância de Jesus (Die Kindheitsgeschichte). Este volume constitui o complemento dos dois precedentes. Agora, está sendo procedida a tradução em diferentes idiomas, diretamente do original alemão. Deseja-se que a publicação do livro termine, ao mesmo tempo, nos idiomas de maior difusão;



isto necessita de um lógico espaço de tempo para que seja realizada uma tradução cuidadosa de um texto tão importante e esperado".

Por outro lado, não houve nenhuma confirmação oficial sobre qual seria a quarta encíclica do Papa Ratzinger, depois de "Deus caritas est", assinada no Natal de 2005, "Spe Salvi", que leva a data de 30 de novembro de 2007, e de "Caritas in veritate", de 29 de junho de 2009.

O cardeal Bertone não especificou, mas acredita-se que depois da caridade e a esperança, Bento XVI que-

ra dedicar a nova encíclica para outra virtude teológica, a fé. Tanto mais que o novo texto seria publicado justamente durante o Ano da Fé, convocado pelo Papa, de 11 de outubro de 2012 a 24 de novembro de 2013.

No comunicado vaticano não está especificado a data de publicação do terceiro volume sobre Jesus, se bem que se presume, dado o assunto, que será na proximidade do período natalino. Reportagem de Sandro Magister, publicada no sítio Chiesa, 11-08-2012.

Tradução do Cepat.

Humor COMO LEMBRAR RÁPIDO

Numa cidade do interior de Minas, Sete Lagoas, dois padres costumavam se cruzar de bicicleta na estrada todos os domingos quando iam rezar a missa nas suas respectivas paróquias.

Mas, certo dia um deles estava a pé.

Surpreso, o outro padre parou e perguntou:

- Uai, ondêquetá a sua bicicleta, Padre Josias?

- Foi roubada! - responde o outro padre - e creio que no pátio da igreja.

- Mas que absurdo! exclamou o ainda ciclista.

- Eu tenho umidéia pra saber quem foi:

na hora do sermão, cite os 10 mandamentos. Quando chegar no "Não roubar" dá uma paradinha e óia bem nozóiô dos fiéis...

O culpado, certezzzzz, vai se denunciar!

No domingo seguinte, os padres cruzam-se novamente cada um na sua bicicleta.

O padre que deu a idéia diz:

- Parece que o sermão deu certo, né não Padre Josias?

- Maizomeno - responde ele.

Na verdade, quando cheguei ao "Não desejar a mulher do próximo" cabei lembrando ondê qu'eu tinha deixado a bicicleta!

